

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XXV

ABRIL - JUNHO DE 1963

N.º 2

ESTUDOS PARA A GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA NO BRASIL SUDESTE *

I — INTRODUÇÃO

1. *O Brasil Sudeste, principal região industrial do país.* A denominada Região Sudeste do Brasil, compreendendo os estados de São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo concentra a maior parte da atividade industrial brasileira. Segundo dados estatísticos do IBGE (*Produção Industrial — 1958*), aí se localizam 73,3% da mão-de-obra empregada nas indústrias do país, 84,1% dos capitais aplicados, 84,3% da energia elétrica consumida e 78,8% do valor da produção industrial.

O fenômeno da concentração apresenta-se mais acentuado quando se considera, não o conjunto das atividades industriais, mas, particularmente, uma série de gêneros de indústria correspondendo a bens de produção, de equipamento e de material de transporte, que exprimem uma etapa superior do processo industrial brasileiro. Encontram-se no Sudeste 95% da mão-de-obra empregada na indústria de material elétrico e de material de comunicações; 95% da mão-de-obra da indústria de construção e montagem de material de transporte; 88% da mão-de-obra das indústrias mecânicas; 85% da indústria metalúrgica, 82% da química e farmacêutica. São produzidos nesta região 1 850 000 toneladas de aço, 133 078 veículos automóveis (estatística de 1960) ¹, 15,5 bilhões de kWh (80,1% da energia elétrica gerada no Brasil), cerca de 2 820 000 toneladas de cimento comum (75% da produção do país), 100% dos pneumáticos, câmaras de ar e do alumínio produzidos no Brasil (estatísticas de 1958) ², traduzindo os dados mais importantes de produção industrial da América do Sul.

* O presente trabalho resulta de pesquisas realizadas em 1961 pelo Grupo de Geografia das Indústrias, sob a orientação inicial do professor MICHEL ROCHEFORT da Universidade de Estrasburgo que também ministrou um curso sobre a metodologia da geografia das indústrias.

As pesquisas constaram de trabalhos de gabinete relativos à atividade industrial no conjunto da Região Sudeste e de trabalhos de campo em Juiz de Fora. Os resultados obtidos referem-se a aspectos da Região SE em 1958, baseando-se nos dados estatísticos da última publicação do volume "Produção Industrial do Brasil", do referido ano. Naturalmente, esta pesquisa se apresenta apenas como ponto de partida, para estudos mais profundos que não poderão prescindir dos trabalhos de campo nas principais áreas industrializadas. Deverão ser especialmente desenvolvidos problemas de relações entre a atividade industrial e a vida regional, bem como a interpretação através da documentação histórica.

Compõem o referido grupo os professores, FANY DAVIDOVICH, IGNEZ DE MORAES COSTA, JOSÉ CARNEIRO FELIPPE FILHO, JOSÉ CEZAR DE MAGALHÃES, MARIA ELISABETH CORRÊA DE SÁ, MARIA LUCIA MEIRELES DE ALMEIDA, MARIA LUIZA GOMES VICENTE, NEY JULIANO BARROSO, SALOMÓN TURNOWSKI e PEDRO PINCHAS GEIGER, cabendo a este a coordenação dos trabalhos. Redação final de FANY DAVIDOVICH.

¹ Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil — 1961*

² Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil — 1961*

A importância da industrialização no Sudeste pode ser ainda avaliada através de vários outros aspectos. Embora indiretamente, o grau de urbanização atingido em várias áreas da região é um dos índices; a urbanização é causa e, ao mesmo tempo, consequência do fenômeno industrial. Já em 1950, o Sudeste salientava-se como a única região do país a acusar quase 50% da população no quadro urbano. A organização do sistema de transportes, o mais avançado do país, quer quanto à densidade das redes de circulação, quer quanto às condições técnicas das vias e meios de comunicação, é outro aspecto relacionado ao desenvolvimento industrial da região; atestam-no a existência de modernas rodovias, largas e pavimentadas, a maior complexidade do trânsito ferroviário, o aparelhamento portuário. Acrescente-se, ainda, a participação mais acentuada que apresenta o Sudeste no tocante às transações comerciais do país e, verificaremos que, em grande parte, também é fruto do seu desenvolvimento industrial. (Foto 1)

2. *Contrastes da localização industrial.* Sob o ponto de vista geográfico, o fenômeno industrial não se apresenta *indistintamente* distribuído pelo Brasil Sudeste. Ao contrário, o grau de concentração da atividade industrial em alguns trechos é muito elevado. Observando-se o cartograma da “Distribuição da Mão-de-Obra Segundo os Gêneros de Indústrias”, impressiona a desproporção entre a massa trabalhadora acumulada no interior das duas grandes áreas metropolitanas — São Paulo e Rio de Janeiro — e as proporções sensivelmente mais reduzidas existentes nas outras áreas. Algumas regiões, como, por exemplo, a de Campinas (SP) distinguem-se, ainda, pela apreciável quantidade de estabelecimentos e de mão-de-obra, porém, vastas extensões do Brasil Sudeste apresentam-se desprovidas de atividades de transformação. Considerando a área do estado de São Paulo, cujo centro é a metrópole, e cujos limites passam por Campinas, Sorocaba, Santos e Moji das Cruzes, municípios nela incluídos, obtém-se o total de 650 000 pessoas ocupadas no setor secundário, ou seja, mais da metade da mão-de-obra industrial do Sudeste do Brasil.

Desta forma, o poderoso conteúdo econômico industrial do Sudeste Brasileiro não corresponde a toda a grande região, mas a áreas nela situadas; o grau de concentração atingido pela implantação industrial nestas áreas é, precisamente, uma característica marcante da organização industrial do chamado Sudeste Brasileiro, região na qual já se reconhece a constituição de *complexos industriais*.

É chegado, pois, o momento de tentarmos a definição das áreas de concentração industrial a que nos referimos. JEAN CHARDONNET — 1953 define complexos, regiões e centros industriais. O *complexo industrial* obedece a uma série de características: áreas de densa concentração industrial, com presença importante da indústria de base, mas, onde há diversificação de produtos fabricados; áreas onde se verificam relações de dependência de umas fábricas para outras, ou do conjunto dos estabelecimentos frente a fatores comuns e onde a organização do espaço regional adquire condições tais, que atraem outros estabelecimentos



Foto 1 — A foto é uma sugestiva ilustração da potência alcançada pela industrialização nesta parte do território nacional, não só em termos daquela atividade em si, como de sua associação com o fenômeno da urbanização.

Trata-se de um trecho de expansão da área metropolitana paulista no município de Santo André, cuja organização do espaço é ditada pela implantação industrial; a ocupação recente do terreno traduziu-se num zoneamento nítido, em que as partes baixas se tornaram local de eleição das fábricas e as encostas o dos loteamentos residenciais.

(n.º 3 068 CNG)

(CHARDONNET, Jean — 1935, pp. 10-16). Dentro da Região Sudeste pode-se certamente reconhecer um complexo industrial na área da cidade de São Paulo com seus subúrbios e arredores; possivelmente também se inclui nesta designação a área metropolitana situada em torno da baía de Guanabara. O trecho do vale do Paraíba no qual se situa Volta Redonda, e a chamada zona metalúrgica de Minas Gerais, que inclui

Belo Horizonte e Contagem, tenderiam a formar outros complexos. (Foto 2)

A noção de região industrial define-se em relação a um espaço geográfico mais amplo que o complexo, mas também tendo na atividade industrial a acentuação tônica da vida regional. A densidade dos estabelecimentos é, porém, inferior à dos complexos, podendo não se verificar a mesma diversificação de produção nem a dependência de uns estabelecimentos em relação aos outros (CHARDONNET, Jean — 1953, p. 16). Segundo o mesmo autor, o *centro industrial* é o complemento industrial de um núcleo urbano.

A região em torno de Campinas, englobando centros grandes e médios como Campinas, Jundiaí, Americana, Limeira, Piracicaba e outros, pode ser reconhecida como região industrial. Outras regiões tendendo a industriais seriam, a que abrange a zona serrana fluminense e a zona da mata de Minas Gerais, onde se encontram grandes centros com mais de 10 000 pessoas ocupadas na indústria, como Juiz de Fora e Petrópolis; a do trecho paulista do vale do Paraíba, entre o complexo paulistano e o complexo de Volta Redonda, aparecendo Taubaté na categoria de centro médio com mais de 4 000 pessoas ocupadas na indústria; a do oeste do complexo paulistano, tendo em Sorocaba, município com mais de 10 000 pessoas ocupadas na indústria, o principal centro. Cabe ainda, uma referência, neste particular, ao interior do estado de São Paulo, onde se esboça a formação de uma região industrial na faixa oriental do planalto areno-basáltico, englobando centros médios de mais de 4 000 pessoas ocupadas nas indústrias, como Ribeirão Preto, São Carlos, Araraquara e outros.

O exame dos contrastes dos aspectos geográficos das indústrias no Sudeste Brasileiro não se limita aos problemas de distribuição do fato industrial, isto é, à oposição entre espaços industrializados e não industrializados. Há contrastes também no tempo. Considerável número de centros industriais situados em determinadas áreas, apresentam-se estagnados ou decadentes, em oposição ao intenso dinamismo de outros centros, localizados em áreas distintas. É o que nos revela o cartograma do "Ritmo de Evolução dos Centros Industriais": esta evolução se faz diferentemente de uma região para outra, sob a influência de fatores e condições distintas. Os principais centros industriais da região que se estende ao norte da aglomeração do Rio de Janeiro pelo território fluminense serrano e pela zona da mata de Minas Gerais, quando não são estagnados ou decadentes, têm, por exemplo evolução mais lenta, do que a da maioria dos centros existentes na região situada ao norte da aglomeração de São Paulo, de Jundiaí na direção de Ribeirão Preto.

Esta série de contrastes observada no panorama atual da geografia das indústrias do Sudeste do Brasil se refere à sucessão de distintas fases no processo econômico. O fenômeno de disseminação dos centros industriais pode ser atribuído, até certo ponto, às fases mais antigas da implantação industrial (cujos primórdios datam dos meados do século



Foto 2 — Vista panorâmica de um bairro da cidade de São Paulo, onde a profusão de chaminés identifica a fisionomia industrial da paisagem. As ondulações do terreno corresponde uma diversidade na ocupação urbana e industrial: as colinas demonstram ser a zona francamente residencial, algumas abrigando casas de melhor aspecto, como se pode observar no primeiro plano da fotografia; o vale apresenta concentração maciça de estabelecimentos industriais, aos quais se mesclam habitações de feição mais modesta, possivelmente operárias, pequenos edifícios de construção recente e casas de comércio.

A direita, sem solução de continuidade na ocupação do espaço, observa-se maior densidade fabril (General Motors) já no município de São Caetano do Sul.

(n.ºs 5 928 e 5 929 CNG)

passado)³, que se manifestou não só na Região Sudeste, mas, em todo o país. Estas fases são caracterizadas pela maior importância da indústria têxtil e das indústrias de alimentos e de beneficiamento dos produtos agrícolas, enquanto as iniciativas cabiam, de preferência, a fazendeiros e capitais urbanos locais.

O período 1850-1880 caracteriza-se pela instalação de indústrias têxteis: num primeiro surto industrial, entre 1880 e 1890, sob efeito da elevação das tarifas alfandegárias, aparecem em primeiro lugar as têxteis e as de alimentação, seguidas das indústrias químicas e de produtos análogos. No fim do Império havia 600 fábricas no país, das quais umas cem (100) eram têxteis, espalhadas pelo Rio de Janeiro, São Paulo, estado do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, junto a mercados ou à matéria-prima, o algodão; somente no gênero de fiação e tecelagem encontravam-se grandes estabelecimentos. Havia 400 000 contos investidos (então 25 milhões de libras esterlinas), sendo 60% na têxtil, 15% na alimentar, 10% na de produtos químicos e análogos, 4% na de madeira, 3,5% na de vestuário e objetos de tocador e 3% na metalurgia. Ainda no censo de 1907 (quando havia no país 3 258 estabelecimentos e 150 841 operários), com exclusão das indústrias de fiação e tecelagem, as outras não passavam, em geral, de pequenas empresas ou meras oficinas (PRADO JÚNIOR, Caio — 1956).

A fase 1918-1926 é marcada pelo desenvolvimento da indústria da carne e o início da expansão da metalurgia em Minas Gerais; a indústria têxtil mantém-se, porém, na vanguarda, firmando sua posição com uma exportação incipiente para o estrangeiro, até quando o permitiu a reorganização das congêneres nos países afetados pela primeira guerra mundial.

Inúmeros dos atuais centros estagnados ou decadentes no Brasil Sudeste (assim como em outras partes do Brasil), correspondem justamente a antigos pequenos centros têxteis cujo processo industrial não teve prosseguimento. (Fotos 3 e 4)

A concentração acentuada da atividade industrial em algumas áreas privilegiadas, com aumento da variedade de indústrias, corresponde a fases mais recentes da evolução brasileira (a partir de 1940), quando se pode falar, verdadeiramente de um processo de industrialização. A fisionomia antiga de inúmeras paisagens situadas nestas áreas sofreu profundas modificações, adquirindo novos traços que acompanham o fenômeno da industrialização: ampliação do espaço urbanizado, multiplicação de linhas de transporte, moderna arquitetura dos estabelecimentos, etc. (Foto 5)

Por outro lado, já se manifesta o fenômeno da irradiação da atividade industrial, a partir dos grandes núcleos de concentração, acarretando a formação de uma constelação de centros industriais, mesmo a certa distância dos grandes complexos metropolitanos.

³ Para o moderno processo industrial brasileiro, as atividades de transformação existentes antes de 1850 quase nada significam. Aliás, no período de 1810-1850, arruinou-se o que havia da chamada indústria, devido à abertura dos portos, à tarifa preferencial dada à Inglaterra e à concorrência estrangeira em geral.

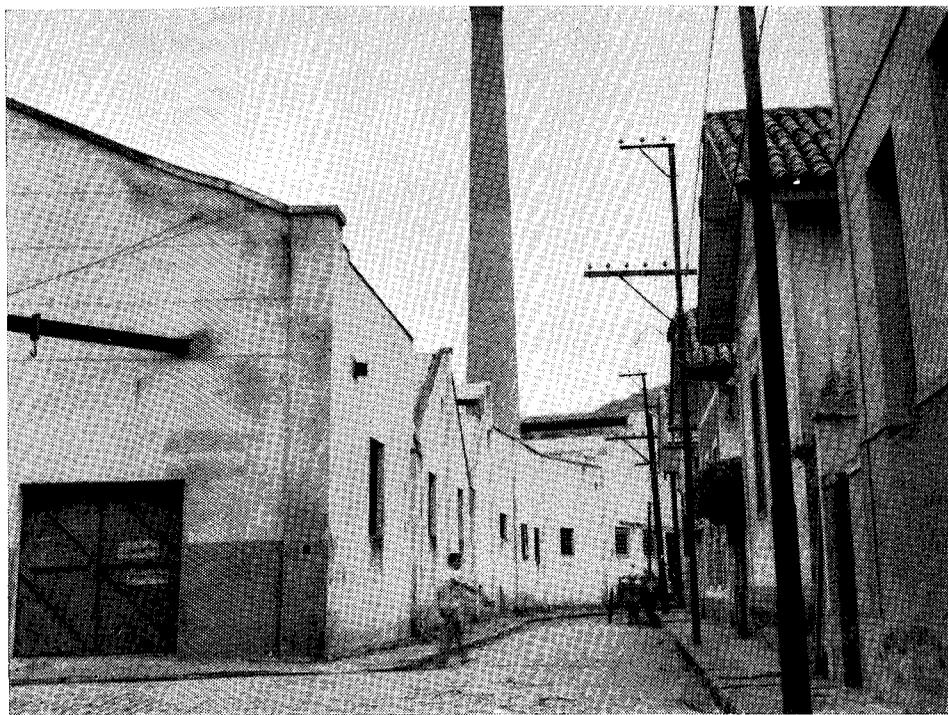


Foto 3 — Tecelagem Pôrto Nôvo, em Além-Paraíba, exemplo de fábrica instalada na antiga fase de implantação industrial, que também pode ser evocada em alguns traços urbanos, como a rua estreita e tortuosa observada na fotografia.

(n.º 6 813 CNG)



Foto 4 — Data igualmente da etapa de implantação têxtil do passado a Sociedade Industrial Polícena importante fição e tecelagem de algodão, situada em Araçai, no município de Paraopeba. A fábrica apresenta construções mais modernas, ao lado de outras de aspecto antigo, junto às quais se empilham estâncias de lenha, empregada como combustível.

A disposição do aglomerado urbano parece indicar que seu desenvolvimento se processou em função da existência do estabelecimento industrial e da igreja que aparece ao fundo da fotografia.

(n.º 6 550 CNG)

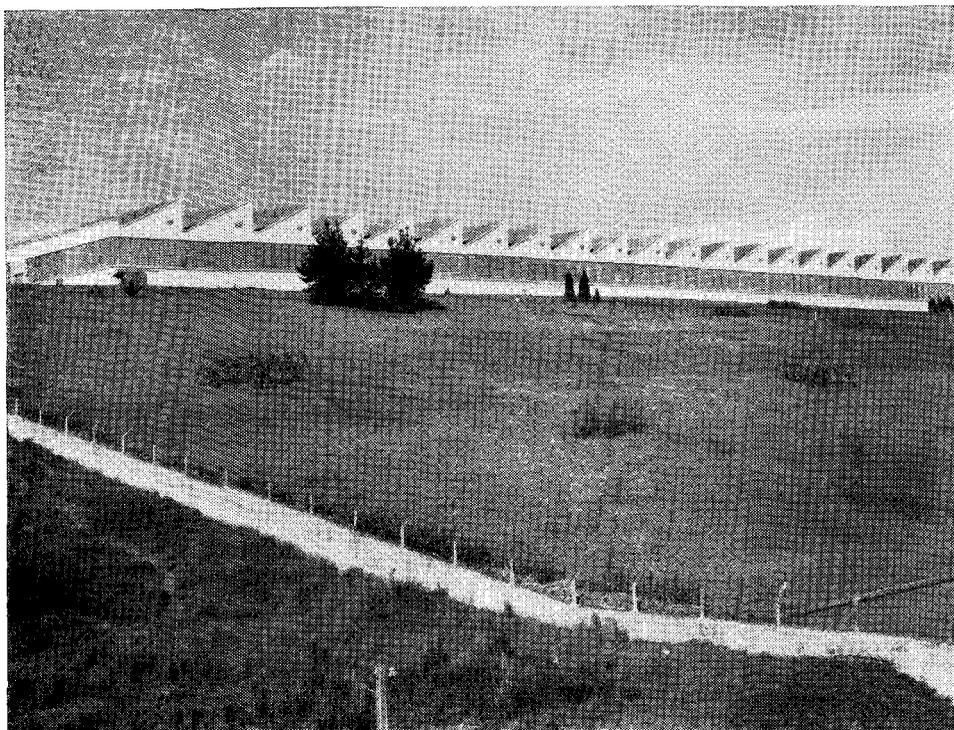


Foto 5 — A Tecelagem e Fiação Matarazzo é um exemplo da moderna implantação industrial, que se traduz em várias facetas: desde a localização periurbana às margens de uma importante artéria de circulação rodoviária, como é a Via Anchieta, aos próprios aspectos formais, expressos na amplitude do espaço ocupado, no estilo arquitetônico moldado segundo requisitos técnicos avançados, no ajardinamento do vasto terreno onde se situa a fábrica, criando uma impressão de conforto e de melhores condições de trabalho.

(n.º 5 920 CNG)

Através deste processo, novos centros surgiram e outros, mais antigos e até decadentes, reanimaram-se, como o atestam as cidades do trecho paulista do vale do Paraíba, sob a influência da capital bandeirante. (Foto 6)



Foto 6 — Para o desenvolvimento industrial do vale do Paraíba concorreu o extravasamento do parque fabril da cidade de São Paulo, somado a condições tais como a excelência dos transportes, servindo de eixo de circulação entre as duas maiores cidades do Brasil, a energia elétrica, as facilidades de obtenção de mão-de-obra, etc. A fotografia ilustra esta forma de expansão industrial, na qual modernos conjuntos fabris foram construídos na periferia da cidade de Jacareí (SP): situados nas proximidades das vias de comunicação, contam com a mão-de-obra residente na cidade, que aparece ao fundo, e ainda com abastecimento regular de energia elétrica.

(n.º 5 821 CNG)

Em conclusão, podem distinguir-se: a) trechos dinâmicos, onde as modernas fases de industrialização se fazem sentir com mais vigor, áreas que atraíram iniciativas do grande capital estatal ou privado, incluído o estrangeiro; b) trechos em estagnação, ligeiramente atingidos ou totalmente à margem das modernas fases de industrialização — servem de exemplo alguns centros da zona da mata de Minas Gerais, nos quais, a uma primeira iniciativa de capitais locais ou oriundos de regiões vizinhas, seguiu-se um período de declínio de esforços neste sentido, de vez que no presente as condições locais não oferecem atração para os grandes empresários; c) finalmente, pode-se ainda reconhecer trechos revelando uma série de situações intermediárias.

II — FATÔRES E CONDIÇÕES DA INDUSTRIALIZAÇÃO

1. *Região industrial de país nôvo e subdesenvolvido*

Como foi dito, é somente para as fases mais recentes de nossa evolução, relativas aos últimos 20 anos⁴, que se aplica, verdadeiramente, a expressão *industrialização*, significando que a atividade industrial tende a ser o elemento dinâmico e motor, da economia nacional; que a produção se volta essencialmente para um mercado interno em expansão, que as chamadas indústrias de base e de equipamento têm desenvolvimento relativamente maior; que a indústria orienta atividades agrícolas e extrativas e que influi enormemente no comércio, deixando inclusive de depender apenas das matérias-primas nacionais e importando do estrangeiro. No Brasil, “de 1940 a 1960 o volume físico da produção industrial mais do que triplicou enquanto o produto real total pouco mais que duplicava” (GOULART, João — 1962). Ora, êste processo tomou forma geográfica concentrada, a industrialização se faz, praticamente, em alguns trechos do Brasil Sudeste. Aliás é oportuno lembrar a observação de PIERRE GEORGE relativa aos estudos de geografia econômica em geral: “os fatôres de produção são primordiais em relação às condições de produção e se apresentam em outra escala; regra geral os fatôres de produção não são fatos da geografia regional, como o são, as condições de produção. A distribuição dos diversos sistemas econômicos e sociais, das combinações técnicas, das relações de interdependência entre sistemas diferentes, entre regiões diferentemente equipadas e diferentemente providas de meios de produção, são fatos de geografia geral” (GEORGE, Pierre — 1956, pp. 2-3).

Dêste modo, o estudo dos fatôres de industrialização nos levarão à caracterização do Brasil como país nôvo e subdesenvolvido, enquanto o das condições da industrialização demonstrará a razão da implantação concentrada no Sudeste.

⁴ O recenseamento de 1940 dava 49 418 estabelecimentos e 781 185 operários; o de 1950 1 256 807 operários e 89 086 estabelecimentos; em 1958, 123 569 estabelecimentos e 1 423 548 operários.

a) *Continuidade de um processo*

A atual industrialização do Brasil faz parte de um processo de implantação da atividade fabril, cujos primórdios se encontram nos meados do século passado, quando dominou a figura pioneira de MAUÁ. O desenvolvimento deste processo vincula-se a vários fatos, tais como a ampliação do mercado, conseqüência em grande parte da abolição da escravidão, a imigração européia, as altas taxas do crescimento populacional, a urbanização, etc.; os contactos diretos do Brasil independente com os países industrializados, dando origem a acúmulo de capitais, através da agricultura de exportação e através do comércio, à penetração de capitais estrangeiros e de influências culturais, incluída a mentalidade industrial. Algumas das antigas fábricas têxteis foram montadas depois da permanência de fazendeiros ou de filhos de fazendeiros na Inglaterra ou Estados Unidos. Finalmente, o processo industrial relaciona-se à contradição criada entre a economia agrária de exportação e as necessidades crescentes do país, traduzida nas crises cambiais e dando origem às restrições nas importações, às medidas protecionistas, etc.

Além dos fatos acima mencionados, acrescenta-se às transformações que se iniciam no fim do Império e que se aprofundam na República, o próprio aumento da atividade industrial, a introdução da eletricidade, a organização do transporte ferroviário e dos portos, o aparecimento do automóvel, o plantio do algodão etc. O próprio alvorecer destas transformações encerra em si as primeiras fases da implantação industrial no país e delas decorrem novos elementos e condições para a continuidade do processo. Uma das causas, do aumento de população do Rio de Janeiro, São Paulo e, mesmo de Pôrto Alegre (ROCHE, Jean — 1955), já nas primeiras décadas do século, é a instalação de indústrias nestas cidades; por sua vez, o crescimento demográfico urbano passa a ser agente do processo de industrialização. O estudo daquelas metrópoles revela constante formação de áreas industrializadas no interior do espaço urbano; novos bairros e subúrbios surgem, direta ou indiretamente como decorrência da ampliação da atividade industrial. Em 1920, 32% da população ativa do Rio de Janeiro se dedicavam à indústria (uma porcentagem mais elevada do que a atual, o que sugere, ter havido, posteriormente, desenvolvimento relativamente maior das atividades terciárias que encontraram no centro industrial um de seus fundamentos); a porcentagem era de 35 no município de São Paulo.

As correntes migratórias provenientes da Europa e que contribuíram, desde o século passado, para a expansão do mercado, não só pelo número de indivíduos acrescentados ao país, mas também, pelas suas características qualitativas, como consumidores e produtores, dão ao Brasil um caráter de país novo. O grande “salto” da população brasileira, que passa de 10 000 000 de habitantes em 1872 a 30 000 000 em 1920 e mais de 60 000 000 em 1960 decorreu em parte, destas migrações. Observe-se que, particularmente no Sul do Brasil, “combinações agrárias” distintas das dominantes no chamado “Brasil Velho” foram-se

formando, com a multiplicação de pequenas propriedades ligadas ao fenômeno "colonização européia". Estas propriedades não podiam possuir aquela auto-suficiência que caracterizava as antigas fazendas e que foi um obstáculo ao maior desenvolvimento da indústria e do comércio. Cumpre reconhecer que mesmo a grande plantação cafeeira do planalto paulista, mobilizando correntes italianas, já imprimira uma nova fisionomia econômica, bastando citar a ampliação do salariedade.

No entanto, o papel dos movimentos de população no desenvolvimento não foi, apenas, através da expansão de economias agrárias, como no caso do café em São Paulo, cuja prosperidade influiu nas fases iniciais da implantação industrial; fêz-se sentir diretamente no crescimento das cidades e das atividades urbanas, incluída a industrial. O fenômeno registrou-se não só no Sul do país, como em centros da importância de Petrópolis e Juiz de Fora. A influência do artesão estrangeiro ou do imigrante capitalista é manifesta no desenvolvimento da atividade industrial: certos gêneros de indústria espelham nitidamente a tradição do imigrante, como a fábrica de Cerveja Weiss ou do Curtume Krambeck (atualmente um dos mais importantes do país) frutos da influência alemã, em Juiz de Fora.

Cumpre ressaltar, porém, que as primeiras fases do processo industrial brasileiro, compreendidas no período de 1850 a 1939, não impediram que o país figurasse junto a outras nações, pouco industrializadas e geralmente fornecedoras de matérias-primas para o mercado mundial, que se defrontam, no panorama histórico contemporâneo, com as grandes potências industriais. Acrescente-se, por outro lado, que a atual industrialização não representa um simples estágio de um processo evolutivo, como se fôsse a conseqüência do desenvolvimento de forças industriais de fases anteriores. Ao contrário; as etapas atuais do desenvolvimento brasileiro dependem de fatos novos, inclusive de esforços deliberados oriundos da consciência de que o Brasil se atrasava em relação à evolução do mundo. É uma mentalidade que traduz a compreensão de que a libertação do país para o desenvolvimento importava na ruptura com o arcaísmo dos períodos econômicos anteriores. Os esforços deliberados neste sentido exprimem-se no papel dirigente atribuído ao Estado no processo industrial, quer como empresário particularmente em setores de bens de produção e de serviços públicos, quer como financiador ou criador de medidas protecionistas. Por outro lado, a ampliação das atividades industriais, nesta fase, relaciona-se igualmente aos interesses da expansão do capital estrangeiro, cuja penetração se acentuou nos últimos anos.

Em resumo, determinados aspectos do atual processo de industrialização brasileira, como a intervenção do Estado ante a incapacidade de maior desenvolvimento a partir de capitais locais, o papel do capital estrangeiro, o caráter de substituição de nossa produção decorrente de períodos de guerra ou de crise cambial, constituem denominadores comuns nos países subdesenvolvidos.

b) *Influência da guerra mundial*

O desenvolvimento industrial brasileiro processa-se numa fase histórica em que se acentuam modificações estruturais do complexo econômico-social mundial. Simbolicamente, poder-se-ia comparar as crises mundiais a brechas através das quais afloram tais transformações. Do mesmo modo que a primeira guerra mundial, a segunda conflagração representou um fator de multiplicação da atividade industrial⁵, graças à intensificação do processo de substituição de produtos importados pelos artigos produzidos no Brasil, ditados, agora, pelas necessidades de um mercado maior. A influência da guerra também se faz sentir pelo afluxo de estrangeiros que, abandonando o velho continente são freqüentemente portadores de recursos financeiros e habilidades técnicas, ou, simplesmente, de um alto nível de aspirações, concretizadas muitas véses em empreendimentos industriais. A guerra foi igualmente, fator ponderável nas disposições políticas em prol de uma industrialização deliberada.

c) *Inflação e crises cambiais*

CELSO FURTADO — 1959, refere-se a ligações entre a expansão industrial atual e o processo inflacionário; “o Banco do Brasil deve financiar os compradores das divisas acumuladas pelas exportações da época da guerra e ausência de importações; o financiamento era feito por emissões e os compradores eram, em bom número, os industriais (FURTADO — 1959).

O período imediato de após-guerra é marcado pela escassez de divisas fortes, o que acarretava dificuldades ao abastecimento do crescente mercado interno com produtos industriais estrangeiros. O desequilíbrio da nossa balança de pagamento é apontado como fator de industrialização. Observe-se, porém, que a atual estrutura do nosso comércio exterior encontra-se bastante modificada em relação às fases anteriores à industrialização uma vez que as matérias-primas e os combustíveis pesam no setor da importação.

A relação entre implantação industrial e inflação pode ser acompanhada também, nas fases preliminares da industrialização. As crises econômicas, afetando o setor agrário de exportação e atingindo o valor cambial no início do período republicano, aceleram a instalação de indústrias⁶; o contrário se observa nos meados da década de 20, no século atual — a partir de 1926, há uma ascensão das exportações dos produtos das *plantations*, depois da crise da primeira guerra, acarretando a valorização da moeda e conseqüente aumento da concorrência de produtos industriais estrangeiros; detém-se, então, a expansão da atividade industrial e notam-se, mesmo, regressões em certos setores da indústria.

⁵ O número de operários elevou-se no período 1914-1920 de 217 300 a 275 512.

⁶ No fim do Império havia no Brasil cerca de 600 fábricas representando inversão de 400 000 contos; no curto período de 1890 a 1895, apenas, fundaram-se 452 fábricas com inversão de mais de 200 000 contos.

A grande depressão mundial de 1920-30, afeta, inicialmente, toda a economia nacional; mas, depois de 1934, enquanto a economia de exportação agrícola continuará enfrentando crises, a indústria iniciará novo processo de desenvolvimento⁷. Esta fase, já se iniciou na economia dirigida (JOBIM, José — 1941).

d) *Iniciativa estatal*

A iniciativa estatal e paraestatal se desenvolve no bôjo de todo um complexo político-social que afeta os chamados países subdesenvolvidos. A criação de indústrias pelo Estado tem razões de ordem política e mesmo estratégico-militar, e visa impedir o alargamento das diferenças de desenvolvimento e padrão de vida entre a nação e os chamados países industrializados. Conseqüentemente as realizações do Estado no campo industrial manifestam-se nas chamadas indústrias de base. As indústrias que exigem grandes investimentos e lenta amortização não encontram o interesse desejado no capital nacional privado, ainda débil e numa conjuntura financeira de desvalorização monetária.

Volta Redonda, instalada em 1946, é exemplo clássico e simbólico do papel direto do Estado, de cuja iniciativa se originou todo um complexo industrial localizado no vale do Paraíba. É também o símbolo de orientação e atividades industriais para a produção de base. A influência do Estado não se revela apenas na aplicação de capital; através da legislação, garantias e favores, o Estado estimula a implantação industrial atual e influi na distribuição geográfica dos estabelecimentos. (Foto 7)

Dos investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, 40,55% destinaram-se ao setor da energia elétrica, 38,5% às indústrias básicas, principalmente na siderurgia, financiando COSIPA, USIMINAS, Ferro e Aço Vitória, etc.; do que o Banco avalisou, quase 50% se destinaram à indústria básica. Em 30-11-61, os saldos dos empréstimos da rede bancária ao setor privado, mostram diferenças entre o Banco do Brasil e os demais bancos. Naquele, o primeiro lugar cabia à indústria, com mais de 100 bilhões de cruzeiros, aparecendo a lavoura com 75 bilhões, o comércio com 50 bilhões, a pecuária com 25 bilhões; já nos outros, figura em primeiro lugar o comércio — 200 bilhões, seguindo-se a indústria — 180 bilhões, os outros ramos de atividade com números bem menores.

e) *Capital estrangeiro*

A expansão industrial recente também se relaciona ao fato do Brasil se tornar campo importante de aplicação de capitais estrangeiros; o entusiasmo pela industrialização propiciou uma série de regulamentos que vieram facilitar a sua entrada.

⁷ O valor da produção industrial que decaíra a partir de 1928, volta ao nível deste ano, em 1934; daí em diante, observa-se rápida ascensão do valor da produção, num período em que a taxa sobre os produtos manufaturados diminuiu. Em 1938, o valor da produção industrial (12 milhões de mil réis) superava a produção agrícola (10 milhões de mil réis). No recenseamento de 1940, o Brasil conta com 49 413 estabelecimentos industriais e 781 185 operários.

Neste particular, o processo atual também apresenta semelhanças com as fases anteriores. As vésperas da primeira guerra mundial, os estabelecimentos bancários ingleses detinham 30% dos depósitos de todos os bancos do Brasil e controlavam 57% dos depósitos de todos os



Foto 7 — A Companhia Siderúrgica Nacional, organizada com capitais estatais, instalou, em Volta Redonda, a maior usina siderúrgica do Brasil. A localização no vale do Paraíba foi determinada, de um lado pelas facilidades locais de obtenção de água e energia elétrica, de outro, pela presença de importante nó de comunicações neste trecho, propiciando acesso ao minério e calcário que descem de Minas Gerais ou ao carvão que é introduzido pelo porto de Angra dos Reis. Acrescente-se a posição do município de Volta Redonda em relação aos maiores mercados consumidores de aço, vale dizer, sua situação a meio caminho de São Paulo e da Guanabara.

Paralelamente à atividade industrial, a Companhia Siderúrgica tomou a seu cargo o estabelecimento de um núcleo urbano previamente planejado. Verdadeiro bairro operário de casario baixo formou-se ao longo das instalações siderúrgicas, como o demonstra a foto. Construções mais recentes já começam a galgar a meia encosta das elevações, revelando a conquista de novos sítios para a expansão urbana.

(n.º 8 151 CNG)

bancos estrangeiros que operavam no país. Capitais britânicos participavam direta ou indiretamente no desenvolvimento industrial, (JOBIM, José — 1941), exercendo papel preponderante hoje assumido pelos americanos. No passado, os setores dos serviços públicos: energia elétrica, transportes, instalações portuárias, etc., atraíram grande parte dos investimentos estrangeiros que também se dirigiam àqueles ligados à exportação, como no caso dos frigoríficos da carne. Recentemente, com a expansão do mercado consumidor nacional, os capitais alienígenas, principalmente os norte-americanos, passam a interessar-se mais fortemente pela produção de mercadorias para o consumo interno, como no setor de alimentos e bebidas, no farmacêutico e outros; a indústria automobilística e a nova indústria de construção naval representam enorme inversão de capital estrangeiro. (Foto 8)

A localização do capital estrangeiro exerceu influência na acentuação dos contrastes regionais. Grande parte fixou-se nas áreas metropolitanas, principalmente na de São Paulo, e na zona metalúrgica de Minas Gerais. Os números indicam que, dos investimentos realizados no período 17-1-55 a 31-12-61, 76,4% fixaram-se no estado de São Paulo, 5,4% na Guanabara, 5,9% no estado do Rio de Janeiro e 5,2% no estado de Minas Gerais; nenhum outro estado alcançou 2%. O total de investimentos desde 17-1-55 foi de 500 milhões de dólares, dos quais mais de 200 milhões na indústria de automóveis. Seguem-se em importância, quanto ao montante de aplicações, a indústria mecânica e elétrica (mais ou menos 50 milhões) a química de base e a petroquímica (mais ou menos 50 milhões). Excluída a inversão na indústria automobilística, o capital estrangeiro se dividiu mais ou menos igualmente, entre as indústrias de base e as indústrias leves (GOULART, João — 1962).



Foto 8 — A indústria automobilística no Brasil, concentrada nos municípios do ABC paulista, representa poderoso elemento de expansão do Grande São Paulo industrial, quer sob o prisma da importância econômica, como da ampliação do espaço ocupado pela atividade fabril. O estabelecimento da Mercedes Benz, que aparece na foto em fase final de construção, está localizado à margem da via Anchieta, em São Bernardo do Campo, município de fábricas de automóveis, por excelência. A paisagem reflete já uma tendência à organização sob a influência da instalação da fábrica, expressa nas novas residências e sua disposição linear, nos eucaliptais das imediações, nas vias em construção.

(n.º 5 922 CNG)

f) Capitais nacionais

A escassez, ou, debilidade do capital privado nacional não acarreta apenas o domínio de certos setores pelas empresas estrangeiras ou pelo monopólio do Estado; condições monopolistas ou semimonopolistas fazem-se sentir pelo fato de poucas empresas coexistirem na exploração de determinados gêneros industriais, com tendência, seja para a especialização de cada uma, seja para a divisão do mercado em zonas de influência (GOULART, João — 1962). Constituem estes fatos outro aspecto da economia de país subdesenvolvido.

O estudo das primeiras fases da implantação industrial no Brasil revela iniciativas de fazendeiros que se deslocavam para a cidade. Em Minas Gerais, por exemplo, uma série de antigos estabelecimentos têxteis foram erigidos por fazendeiros a partir das últimas décadas do século passado. No entanto, como diz DIRCEU LINO DE MATOS — 1958, os fazendeiros não possuem uma mentalidade industrial; pelo desenvolvimento industrial do estado de São Paulo, nota-se que os “capitães da indústria”, regra geral, não o foram. O papel mais importante por êles desempenhado, no caso da antiga indústria têxtil, relaciona-se provavelmente ao fato de ter existido, desde os tempos coloniais, a tecelagem em formas artesanais, mesmo no quadro rural. Diversas fábricas têxteis apareceram no meio rural⁸, ou em pequenos povoados, aproveitando-se a mão-de-obra feminina local. (Foto 9)

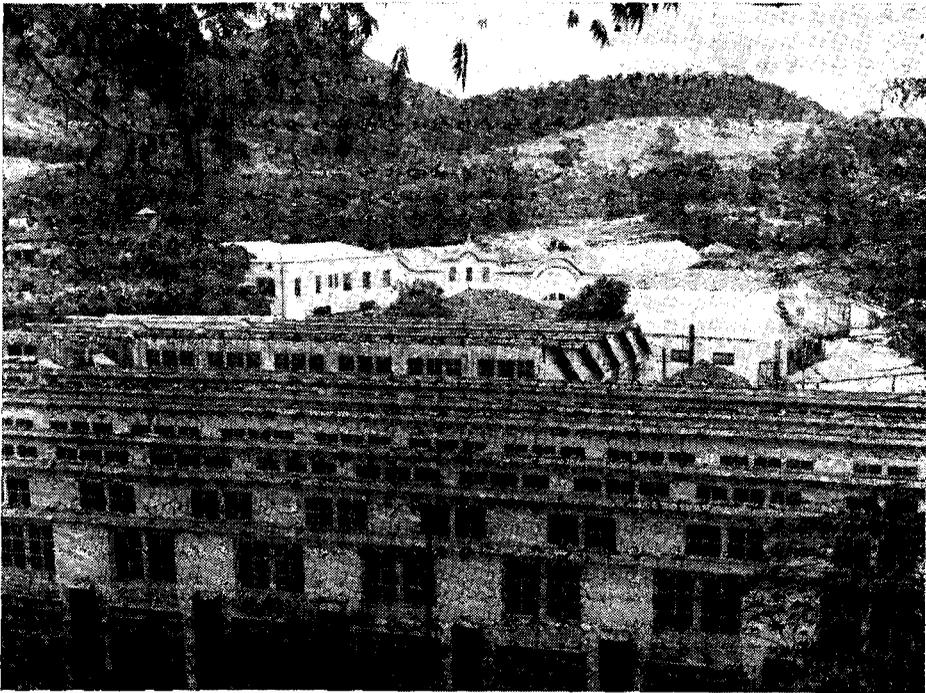


Foto 9 — O processo industrial brasileiro apresenta setores em que se aplicaram geralmente capitais nacionais. Salienta-se, neste particular, o papel dos fazendeiros que, embora não se arvoreem em representantes de uma mentalidade industrial propriamente dita, não raro investiram capitais no gênero têxtil. Via de regra, esta foi a origem de inúmeras tecelagens espalhadas pelo interior do território nacional. Contando com a tradição artesanal do próprio meio rural e com a mão-de-obra feminina local, as fábricas têxteis eram frequentemente instaladas nas antigas fazendas, onde deram nascimento a aglomerados, ou em pequenos povoados; estabeleceram-se igualmente nas próprias cidades para onde se transferiram os proprietários rurais.

A fábrica São João Evangelista, situada no município de Juiz de Fora, em pleno quadro rural, pode ser apontada como exemplo de iniciativa oriunda de capitais agrícolas.

(n.º 6 769 CNG)

Uma das relações entre a expansão urbana e o desenvolvimento industrial reside no papel da burguesia comercial das cidades investindo capitais no processo industrial. A êste fenômeno, vincula-se a imigra-

⁸ Em Minas Gerais, por exemplo, o aglomerado de Paraopeba formou-se em torno da fábrica que fora instalada numa fazenda pela família MASCARENHAS. Outra fábrica, a de São João Evangelista, fundada em 1923 por fazendeiro em Juiz de Fora, transferiu-se posteriormente para a fazenda da Floresta, nas proximidades da cidade.

ção e colonização européia em trechos, do Brasil, notadamente, no Sul. Muitos dos imigrantes que se fixaram no comércio das cidades, iniciaram posteriormente, pequenas indústrias, muitas vezes ligadas ao gênero do seu comércio. Na evolução de São Paulo, por exemplo, observou-se a importância da localização de um sem número de pequenos estabelecimentos, muitos dos quais se transformaram posteriormente em grandes fábricas. (LINO DE MATOS, Dirceu — 1958). Em alguns casos imigrantes constituíram seus capitais no país, em outros capitais transferidos foram aplicados, diretamente, na indústria, fato observado particularmente no Sul do Brasil (VALVERDE, Orlando). Naturalmente, a própria produção industrial passou a gerar capitais que, nas fases recentes, ganham maior importância na ativação da expansão econômica. Atestam-no vários fatos, como a ampliação e reequipamento de estabelecimentos, transformação de pequenas oficinas em grandes fábricas. Por vezes, o capital nacional industrial privado se desenvolveu em poderosas organizações, com formação de concentrações horizontais e verticais⁹. O melhor exemplo é talvez do grupo Matarazzo, cuja história começa com um imigrante italiano pobre, que se lança em atividades terciárias no estado de São Paulo e que, depois, inicia, em Sorocaba, pequena indústria doméstica de banha; daí, se desenvolveu toda uma organização que hoje reúne numerosos estabelecimentos grandes, de diferentes gêneros, espalhados por diversas regiões brasileiras.

g) *Mão-de-obra*

A disponibilidade de mão-de-obra, mais barata no Brasil do que nos países industrializados é um fator de atração para os capitais estrangeiros. Um dos aspectos do desenvolvimento industrial brasileiro reside no recrutamento de massas de trabalhadores provenientes de uma sociedade agrária pouco evoluída, sem tradição artesanal, constituindo pessoal pouco qualificado. Por vezes, é marcante o contraste entre prédios industriais novos, dotados de linhas arquitetônicas modernas, e certos padrões sociais inferiores da mão-de-obra, manifestados no nível de vida, no caráter profissional, etc.

Em conclusão, verifica-se que elementos importantes no processo geral da industrialização contribuem para a compreensão da geografia do Sudeste, e a sua caracterização como região industrializada de um país novo e subdesenvolvido.

2 — *Por que no Sudeste?*

A questão que se apresenta é: qual a razão de se ter concentrado na chamada Região Sudeste o esforço de industrialização do Brasil? Torna-se, pois, necessário o exame das condições regionais que favoreceram a concentração industrial, fenômeno responsável, em grande

⁹ A concentração vertical é estimulada pela legislação do imposto de "Vendas e Consignações"; procura-se fugir à multiplicação do imposto, através desta concentração.

parte, pela acentuação do desequilíbrio regional brasileiro. A diferenciação entre as diversas áreas brasileiras, graças à industrialização, assumiu tão grandes proporções que já permite tecer comparações entre regiões "metropolitanas" e "coloniais", aludindo à divergência entre áreas urbanizadas do SE e da região amazônica, respectivamente¹⁰.

a) *Áreas tradicionais*

Dentre as condições propícias à atual concentração apresentada pela Região Sudeste, cumpre reconhecê-la como área na qual já se havia localizado a maioria dos empreendimentos industriais, relativos às fases anteriores. Não obstante a dispersão mais acentuada do fato industrial no passado, representado sobretudo pelos gêneros têxtil e alimentar, os totais do valor da produção, do capital aplicado ou da mão-de-obra refletem já sensível concentração. No censo de 1907, a distribuição da atividade industrial, dava 33% para o então Distrito Federal (estado da Guanabara), 16% para São Paulo e 7% para o estado do Rio de Janeiro, isto é, 56% para estes estados da Região Sudeste. O estado do Rio Grande do Sul figurava com 15% e nenhum outro estado brasileiro alcançava 5%.

A cidade do Rio de Janeiro detinha o maior cabedal de indústrias, graças à conjugação de várias condições: cidade mais populosa do país e simultaneamente, maior centro comercial, pôrto mais importante e posição de capital. O complexo de condições desenvolvido em torno da Guanabara serviu de suporte para a projeção alcançada pelo Rio de Janeiro, não obstante a recente perda da primazia como centro industrial que se estendeu aos efetivos de população e à atividade portuária. São Paulo-Santos ocupam, atualmente, estas posições, mas o Rio de Janeiro é incontestavelmente, o segundo centro do país.

No estado de São Paulo, já no início do século, a maior parte da atividade industrial concentrou-se na capital bandeirante, grande centro comercial que despontava como segunda cidade brasileira quanto à população, desbancando Salvador. O desenvolvimento urbano de São Paulo relacionava-se à expansão cafeeira pelo planalto paulista e à imigração européia, responsável, em grande parte, pelos mecanismos do processo industrial. Cidade e indústrias acusaram crescimento espetacular. De início, a cidade de São Paulo ultrapassou o Rio de Janeiro no tocante à produção industrial e ao número de operários, mas, em 1960, assumia o lugar de primeira cidade quanto ao número de habitantes.

Não obstante a inversão de posições das duas grandes metrópoles, vale ressaltar que ambas polarizaram a economia industrial do Brasil desde o início do processo. Principais concentrações industriais do país,

¹⁰ Recentemente, a opinião pública e a administração adquiriram consciência da necessidade premente de se equilibrar, econômica e socialmente, as diversas partes do país. No tocante às atividades industriais procura-se expandi-las nas áreas menos desenvolvidas. Assim, por exemplo, nos planejamentos realizados para o Nordeste, prevê-se maior implantação de estabelecimentos fabris. Paralelamente, desenvolvem-se esforços no sentido de fortificar a posição metropolitana do Recife na região nordestina, conferindo-lhe maior conteúdo econômico industrial, estabelecendo-se inclusive, planos de instalação siderúrgica.

as duas áreas por si só, imprimem à Região Sudeste, uma unidade, que a distingue das outras.

As duas metrópoles representam, igualmente, extraordinário adensamento de população urbana e são os principais centros comerciais. Transparece, pois, a natureza de dois complexos industriais. Áreas tradicionalmente industrializadas, as duas grandes regiões metropolitanas tiveram nas antigas indústrias de consumo um dos fatores da contínua expansão urbana; esta, por sua vez, gerava novas condições para o crescente desenvolvimento industrial. Quando do recente incremento das indústrias de bens de produção e equipamento, muitos estabelecimentos elegeram como localização, as áreas de maior concentração das indústrias de consumo que também constituem os maiores mercados. A instalação de novas grandes fábricas, fora das áreas de eleição, na verdade, quase sempre obedece ainda a seu raio de ação. A industrialização no vale do Paraíba decorre de ser êste um eixo de comunicações entre o Rio de Janeiro e São Paulo; a industrialização em Campinas, a curta distância de São Paulo, representa uma expansão da área industrial da metrópole paulistana.

A localização da maior parte da antiga atividade industrial no Brasil Sudeste foi, assim, condição para a sua multiplicação. Uma série de outras condições, algumas engendradas por aquela, contribuíram para que a região monopolizasse, praticamente, o processo industrial.

b) *Condições econômicas*

Uma série de condições econômicas favoráveis criou-se na Região Sudeste, tornando mais marcante a concentração nas fases recentes da industrialização, paralelamente ao crescimento da produção de bens de produção. Assim, se em 1920 o Nordeste, incluída a Bahia, detinha ainda 27% da mão-de-obra operária do país, em 1940, a porcentagem baixava para 17,7 e, em 1950, para 17; no mesmo período, de 1920 a 1950, a participação do estado de São Paulo passava de 29,1% a 38,6%.

Mercados consumidores — São Paulo e Rio de Janeiro são os mercados importantes do Brasil: as duas grandes metrópoles nacionais, têm sob seu comando, mesmo antes do atual surto industrial, as rêdes regionais mais vivas e importantes do país, dotadas do maior número de grandes cidades, com padrões de vida relativamente elevados. Inúmeras destas cidades serviram de suporte ao desenvolvimento de atividades industriais. A evolução urbana do Sudeste relaciona-se também ao seu desenvolvimento agrícola. Basta lembrar que nesta região se concentra a produção cafeeira, significando importantes regiões agrícolas exprimindo consumo relativamente alto.

A importância do mercado consumidor se manifesta particularmente em algumas formas do processo industrial. Uma destas diz respeito ao reequipamento ou às transformações técnicas de velhos estabelecimentos de produção de consumo em centros tradicionais. A indústria têxtil por exemplo, é bastante sensível à modernização; ela ocorreu,

realmente, em centros têxteis localizados nos grandes mercados em ascensão ou nas proximidades destes centros como em São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Americana, etc. Conseqüentemente, acentuou-se a decadência dos centros têxteis mais isolados que não se modernizaram. Os contrastes são sensíveis na própria Região Sudeste, mas via de regra, o reequipamento e a modernização assumem maior importância nesta região tomada em conjunto, do que nas outras regiões.

Outro rumo da industrialização partiu da preexistência, junto aos grandes mercados, de pequenos estabelecimentos de reparação e fabricação de peças acessórias de produtos que eram, até há pouco, importados. Ou então, resulta da instalação de subsidiárias de grandes empresas estrangeiras que, inicialmente, apenas tratam do acabamento ou da embalagem, como no caso da indústria farmacêutica. A indústria automobilística, concentrada na área metropolitana de São Paulo se desenvolveu desta forma; grandes firmas montavam inicialmente veículos com pequena porcentagem de peças de fabricação nacional adquiridas de uma série de pequenos fabricantes (MESQUITA, Myriam — 1959); o mesmo processo se observou na indústria de aparelhos e utensílios elétricos.

CELSO FURTADO (1959) aponta outro aspecto da influência do nível de vida mais elevado já existente no Sudeste, em relação às outras regiões, para a sua maior industrialização: os salários mais altos, em vigor nesta região, são fator de introdução da maquinaria moderna destinada a substituir o trabalho manual, isto é, são fator de modernização, o que significa processo contínuo de industrialização.

Comércio e serviços — As metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo oferecem como vantagem para a implantação industrial a sua organização comercial e de serviços. É fácil compreender o que significa, para a indústria, a existência de agências de companhias telegráficas, ou de facilidades de linhas telefônicas, a presença de firmas importadoras ou exportadoras, de agências de companhias de transporte, de escritórios de representações, do comércio especializado, etc. A implantação industrial, por sua vez, impulsiona as atividades terciárias, de modo que estas relações fazem parte do processo de concentração das economias industriais.

Da mesma forma que as metrópoles, outras grandes cidades do Brasil Sudeste foram escolhidas para sede de novos estabelecimentos industriais, graças às facilidades do comércio e serviços, inclusive das relações fáceis com as metrópoles.

Os portos — No caso do Rio de Janeiro, a função portuária foi uma condição básica para sua industrialização. Não é demais repetir que os portos representam pontos de parada nos fluxos de mercadorias, devido à mudança do meio de transporte; as fábricas também são um local de estacionamento das matérias-primas, para a sua transformação. Há,

pois, uma razão econômica para a localização de indústrias junto aos portos, qual seja, a redução de custo na transformação industrial, decorrente da interrupção da circulação de mercadorias.

Os portos do Rio de Janeiro e de Santos tornaram-se os mais organizados e, desde há muito, são os mais movimentados do país. Essencialmente exportadores, de início, a importação de equipamentos e matérias-primas para a indústria representava, também, um frete de retorno; no presente, os dois portos, importam mais do que exportam, quanto ao volume de mercadorias.

O fato de o porto de Santos não se ter transformado em local de intensa atividade industrial, em oposição ao fenômeno do Rio de Janeiro, é devido à proximidade do complexo industrial da capital que, não obstante, avança em sua direção. A diferença de geografia física entre as regiões onde se encontram o Rio de Janeiro e São Paulo deve ser levada em conta: na região do Rio de Janeiro, a serra do Mar está mais afastada da linha do litoral, a baixada é mais larga, e a serra é a frente de um território montanhoso; na região de São Paulo-Santos, a baixada é muito mais estreita e a serra do Mar é o rebôrdio vigoroso de um planalto de superfícies aplainadas, de fácil circulação. A área metropolitana de São Paulo localiza-se no planalto, à pequena distância do rebôrdio que domina a baixada santista; historicamente, tornou-se local de concentração de mercadorias, quer as provenientes do interior, em demanda do porto, quer as que chegam do litoral e daí são distribuídas pelo planalto.

Os transportes terrestres — No Brasil Sudeste estabeleceram-se os sistemas de transporte mais organizados do país. A posição de São Paulo, num cruzamento de eixos de circulação, levou a cidade a ser importante nó rodoviário e ferroviário, elemento poderoso para a localização industrial. A extensão das linhas férreas possibilita a interiorização de indústrias, como é o caso de estabelecimentos metalúrgicos, frigoríficos e outros, localizados a considerável distância do litoral.

Mão-de-obra — As áreas metropolitanas passaram a ser focos de atração da mão-de-obra, condição favorável à localização industrial. Por outro lado, é nestas áreas e nas suas imediações que será encontrada, mais facilmente, a mão-de-obra melhor qualificada ou especializada, técnicos e engenheiros; da mesma forma o ensino técnico-industrial nelas adquire maior significação.

Já nos referimos ao papel da imigração européia no que diz respeito à formação de mão-de-obra mais qualificada, ou mais habituada ao regime industrial. Em 1940 21,5% da população da cidade de São Paulo eram constituídas de estrangeiros, quando em 1920 eram de 35%. No Rio de Janeiro, em 1892, 25% da população de meio milhão de habitantes eram de estrangeiros; as porcentagens eram de 20,6 em 1920 e 12,2 em 1940. A preferência de novas empresas pela área industrial de São Paulo guia-se inclusive pela tradição da cidade em dispor de trabalhadores mais eficientes (qualificação, assiduidade, etc.).

c) *Condições de geografia física*

Em relação a certos setores industriais, a localização no Sudeste está intimamente associada a condições do quadro físico. É o caso do importante setor siderúrgico, implantado em grande parte, no chamado quadrilátero de ferro de Minas Gerais, onde se encontram as jazidas minerais. Quando os estabelecimentos não se situam diretamente junto aos minérios, como ocorre com Volta Redonda, buscam, no entanto, as linhas de transporte mais acessíveis à matéria-prima. A localização de Volta Redonda foi, também, ditada pela situação a meio caminho, entre a fonte do minério de ferro e o pórtio importador de carvão de pedra.

Elemento ponderável do processo industrial brasileiro, o desenvolvimento siderúrgico localiza-se no Sudeste relacionando-se às condições físicas desta região.

Via de regra, as condições físicas apresentam menor significado do que as de outra natureza, mormente as econômicas; no entanto, inúmeros exemplos de condicionamento da industrialização ao quadro físico podem ser apontados.

O Brasil, até agora, dispõe de poucos recursos de carvão de pedra, enquanto o potencial de energia hidrelétrica é enorme; graças às suas condições hidrológicas, a Região Sudeste pode promover contínua expansão da produção hidrelétrica, elemento importante da industrialização.

A primeira usina hidrelétrica do Brasil e da América do Sul foi fruto da iniciativa de um pioneiro da história das indústrias no Brasil, BERNARDO MASCARENHAS, que a instalou, em 1889, nas proximidades de Juiz de Fora, no rio Paraibuna. Em 1907, instala-se no país a Light and Power, cuja primeira usina é construída na região de São Paulo, junto ao Tietê. Estes empreendimentos representaram o ponto de partida para os subseqüentes aproveitamentos dos cursos d'água, visando a atender a crescente demanda de energia.

Ao terminar êste capítulo, cumpre alertar contra a sobrestimação do fenômeno industrial no Brasil a que nos pode conduzir, por exemplo, a comparação entre dados do valor da produção industrial e agrícola; no entanto, deve-se recordar que: a) o valor da produção industrial engloba, naturalmente, valores de produção das matérias-primas; b) no valor da produção agrícola, certamente, nem sempre foi incluída a produção de subsistência.

Por outro lado, embora a chamada indústria de produção tenha apresentado acentuada expansão em números relativos, no entanto, em termos absolutos é ainda muito frágil. Grande parcela de nossas indústrias de bens de consumo, constitui-se com equipamento importado do exterior.

A comparação entre a população ativa ocupada nas atividades primárias e a ocupada nas atividades secundárias corrige a tendência a dar à industrialização significação maior que a merecida. Contudo, para certas regiões do Brasil, a indústria já representa o agente primordial da estruturação regional.

III — OBSERVAÇÕES SÔBRE O MÉTODO EMPREGADO

Em primeiro lugar, procurou-se distinguir categorias de centros industriais, pela sua dimensão, recorrendo-se à quantidade da mão-de-obra empregada existente nos mesmos. Este critério, naturalmente está sujeito a críticas e logo surgem questões como: por que não utilizar o valor da produção para determinar a maior ou menor importância do centro? Ou, então, a energia consumida? O volume físico da produção? O capital aplicado? etc.

Na verdade, quando não se trata de pesquisa direta, mediante inquéritos nos estabelecimentos que revelam as particularidades de cada caso, é difícil comparar com exatidão, mormente no que diz respeito às dimensões dos centros industriais e sobretudo, se estes englobam variados gêneros de indústrias. Exemplificando: mil pessoas ocupadas na indústria têxtil não representam a mesma dimensão industrial que mil pessoas ocupadas na indústria química. Aliás, mesmo quando a comparação se relaciona a um único gênero, nem sempre a quantidade da mão-de-obra traduz exatamente o grau de importância da indústria: uma tecelagem moderna, empregando muito menor número de operários, produz muito mais e representa empreendimento de maior vulto do que uma tecelagem obsoleta que ocupa, no entanto, mais gente.

Outros critérios, que não os da mão-de-obra, apresentam também seus defeitos. Em relação a dados de valor da produção, por exemplo, observa-se que em primeiro lugar, o que se examina praticamente, é o custo da produção acrescido de uma porcentagem fixada pelo empresário, sendo o total denominado de valor da produção. Desta forma, um estabelecimento mal localizado, produzindo a custos mais elevados, poderá figurar com valor superior a outro, de igual produção física porém melhor localizado; em segundo lugar, ocorre que, se os dados se referem a diversos gêneros de indústria, não podem ser comparados entre si, uma vez que o valor da produção depende de fatores tais como, por exemplo, o custo da matéria-prima; em terceiro lugar, verifica-se que, para um mesmo gênero de indústria, a variação da qualidade dos produtos determinará diferenças no valor da produção, para volumes iguais de mercadorias.

Teria sido interessante o emprego de dados do *valor adicionado pela transformação industrial*, para a comparação entre os municípios e os gêneros das indústrias, mas, infelizmente, não foi possível obtê-los.

O emprego dos índices de consumo de energia elétrica também não é adequado para a comparação de diferentes gêneros industriais; o mesmo se verifica quanto ao volume físico da produção.

Para cada gênero de mercadorias, seria interessante a comparação do volume da produção, por município. Quando se trata de volumes de produção, evitam-se as distorções rápidas, de ano para ano, que se constatam quando se utilizam dados de valor da produção e que são motivadas pelo fenômeno da inflação. Isto é importante para o estudo da evolução das indústrias. No entanto, as publicações estatísticas não apresentam aqueles dados com a mesma abundância que os de valor

da produção. Estes últimos, evidentemente, apesar dos senões, oferecem maior aplicação como escala para comparação entre produtos de diversos gêneros industriais; como comparar metros quadrados de tecidos com toneladas de aço?

A questão continua, pois, em pauta: se nenhum dos critérios oferece solução satisfatória para a mensuração da atividade industrial, por que recaiu a escolha no da mão-de-obra? Uma primeira resposta basear-se-ia no fato de que a estatística do pessoal ocupado deve ser, pelo menos, a mais fidedigna; os empresários ocultam, certamente, mais informações sobre as finanças ou sobre a produção dos estabelecimentos, do que sobre o número de pessoas empregadas. Existem, porém, outras razões importantes: o estudo da mão-de-obra envolve outras questões de geografia humana, pois relaciona diretamente a geografia das indústrias a outros ramos desta ciência, como seja a da população, a dos serviços e, quase sempre, a geografia urbana.

Problemas de moradia dos operários, técnicos e administradores; problemas de abastecimento da população agrupada em torno da atividade industrial; a circulação desta população, e outras questões interessam ao estudo da organização do espaço das áreas industrializadas. A população industrial representa parcela apreciável do total de habitantes de numerosas cidades, como por exemplo no caso de São Paulo. Dêste modo, quando se representam as dimensões da atividade industrial através de números referentes à mão-de-obra, não apenas se dá uma idéia da grandeza dos centros, como é sugerida uma série de implicações de significação geográfica.

Utilizando dados da mão-de-obra (e, em certos casos, do número de estabelecimentos) foram feitos pois os seguintes estudos:

1 — *Categorias dos centros industriais* — Com os dados da mão-de-obra total por município¹¹, estabeleceram-se, através de um gráfico de dispersão, oito (8) categorias: a) centro de mais de 250 000 pessoas ocupadas na indústria — São Paulo; b) centro de mais de 100 000 pessoas ocupadas na indústria — Rio de Janeiro; c) centros de 10 000 a 100 000 pessoas; d) centros de 4 000 a 10 000 pessoas; e) centros de 2 200 a 4 000 pessoas; f) de 1 200 a 2 200 pessoas; g) de 850 a 1 200 e h) de 250 a 850. Não foram considerados municípios de menos de 250 pessoas ocupadas na indústria.

Na realidade, empregou-se a designação *centro*, em substituição a município, generalizando-se o fato comum de os estabelecimentos se situarem, na maioria, dentro da sede municipal. Os dados estatísticos não são tabulados a um nível mais pormenorizado que o de município; no entanto, será possível localizar centros industriais, numa pesquisa mais profunda, através do exame dos endereços de cada um dos estabelecimentos.

2 — *Distribuição da mão-de-obra segundo o gênero das indústrias* — Foi organizado um cartograma¹² no qual aparece, para cada município,

¹¹ Segundo *Produção Industrial* de 1958.

¹² Segundo *Produção Industrial* de 1958.

a quantidade de mão-de-obra ocupada em cada gênero industrial; símbolos diversos identificam os gêneros, desenhados em tamanhos proporcionais à quantidade de pessoas. A observação deste cartograma mostra que os municípios podem ser reunidos em diversos grupos, caracterizados pela combinação de determinados gêneros.

Por exemplo, o município de São Paulo e o estado da Guanabara apresentam todos os gêneros em grandes dimensões; há municípios que têm praticamente apenas indústrias de consumo; outras apresentam predominância da indústria têxtil, etc.

3 — *Hierarquia dos centros industriais* — A hierarquia dos centros industriais foi determinada pela análise de suas estruturas internas, realizada da seguinte forma: para cada município construiu-se um gráfico no qual aparece o número de estabelecimentos segundo classes de dimensões e segundo gêneros de indústrias. A distinção das classes obedeceu aos critérios do Conselho Nacional de Estatística: a) estabelecimentos de 1 a 10 pessoas ocupadas, b) estabelecimentos com 11 a 50 pessoas ocupadas, c) estabelecimentos com 51 a 100, d) estabelecimentos de 101 a 250, e) de 251 a 500 e f) de mais de 500 pessoas ocupadas. Tal análise foi possível graças aos dados especialmente cedidos pelo Conselho Nacional de Estatística.

Os gráficos representam a estrutura industrial interna dos centros, ou melhor dos municípios; as formas assumidas permitiram agrupá-las num certo número de padrões. Por exemplo, há gráficos onde não comparecem estabelecimentos de mais de 250 pessoas; outros, nos quais os grandes estabelecimentos são mais numerosos que os pequenos, etc. Estes padrões serviram de base para uma classificação hierárquica dos centros.

Seis categorias hierárquicas principais foram realçadas, dando-se, aos centros, valor hierárquico, segundo a importância dos grandes estabelecimentos. A categoria mais elevada refere-se a municípios nos quais o número de grandes estabelecimentos é relativamente elevado; isto ocorre, por exemplo, com alguns subúrbios industriais de grandes cidades, como Mauá ou Contagem. No entanto, figurarão, também, nesta categoria, outros tipos de municípios: os que mantêm grandes estabelecimentos velhos, às vezes apenas um, de fase industrial passada, sem que nêles fôssem acrescidos novos estabelecimentos; os que apresentam apenas estabelecimentos de beneficiamento agrícola, geralmente usinas de açúcar; e os municípios sem tradição industrial, onde houve recente instalação de um grande estabelecimento. Na segunda categoria, que corresponde a municípios nos quais os pequenos estabelecimentos já têm importância maior, figuram centros onde a atividade industrial é dominante. Na terceira categoria, predomina francamente o pequeno estabelecimento, mas, é também importante o número de grandes estabelecimentos; é a categoria dos grandes centros regionais, das metrópoles, onde a função industrial é importante, mas emparelha-se ou é ultra-

passada pelas funções do setor terciário. As categorias inferiores à 3.^a correspondem a municípios nos quais vão desaparecendo, progressivamente, os grandes e os médios estabelecimentos.

4 — *Tipologia dos centros* — A classificação dos centros industriais, segundo tipos, pressupõe seu conhecimento analítico profundo. A caracterização de um tipo deve levar em conta a dimensão do centro industrial; o tamanho de seus estabelecimentos, expressão da concentração técnica; as dimensões das empresas, ou seja, a relação entre número de estabelecimentos e número de empresas; a existência no centro industrial de empresas que possuem estabelecimentos em outras áreas geográficas, ou vice-versa; os gêneros industriais presentes no centro, que pode ser especializado ou não, em determinada produção; a evolução histórica do centro industrial e mesmo a forma de sua organização espacial.

Sem a pesquisa direta, é difícil reunir todos estes elementos necessários ao conhecimento dos centros industriais, para uma classificação complexa em tipos. Não se conseguiu coletar, através da pesquisa bibliográfica, material suficiente para o estudo de origens do capital nem para o estudo das relações entre empresas e estabelecimentos dos centros industriais. No entanto, conseguiu-se esboçar uma primeira classificação simples de tipos de centro, somando as características dos centros industriais quanto à sua hierarquia e quanto aos gêneros de indústrias.

Chamou-se de centro monoindustrial aquele no qual a mão-de-obra empregada em determinado gênero representava mais de 50% da mão-de-obra industrial total. Os centros monoindustriais se dividem em 3 (três) categorias segundo esta porcentagem: acima de 90%, maior que 75% ou menor que 75%. Em oposição aos centros de monoindústria, há centros de polindústria. O tipo de cada centro é definido, pois, pela sua hierarquia e pela maior ou menor diversificação de sua produção.

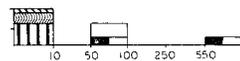
5 — *Evolução dos centros* — Com dados censitários de 1940 e 1950, e, mais, com os do Registro Industrial de 1958, foi realizado um exame do ritmo de crescimento, com base na quantidade de mão-de-obra empregada. Para os diversos centros foram estabelecidas curvas de evolução através dos quais se determinaram padrões de evolução. Os centros foram naturalmente comparados, segundo o grupo de categoria a que pertencem; por exemplo, a curva de Campinas foi comparada com a de Juiz de Fora, a de Sorocaba com a de outros centros de igual categoria. Registraram-se, assim, processos de crescimento em aceleração, como é o caso de Volta Redonda ou de São Paulo, processos de crescimento contínuo, de pequeno crescimento contínuo, de estabilidade ou de decadência; centros houve que acusaram um primeiro estágio de decadência seguido de rejuvenescimento, ou, ao contrário, fase de declínio sucedendo a outra de expansão, etc.

6 — *Estudo particular de cada gênero de indústria* — Foi realizado um estudo para cada gênero de indústria, perseguindo dois objetivos: 1.º) permitir uma compreensão fácil da localização geográfica de cada

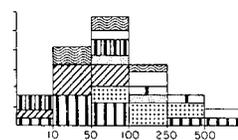
HIERARQUIAS DOS CENTROS INDUSTRIAIS - CATEGORIAS DE CENTROS INDUSTRIAIS SEGUNDO AS CLASSES DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS

CATEGORIA 1

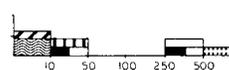
a) AUSÊNCIA DA CLASSE I
ITABIRA - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 2168



b) PRESENÇA DA CLASSE I
CONTAGEM - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 6219

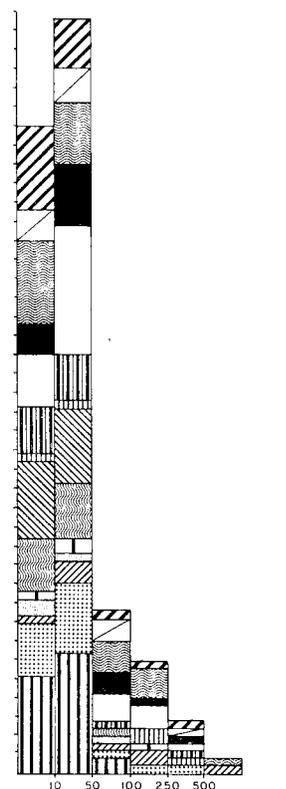


b) PRESENÇA DA CLASSE I
SABARÁ - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 2165

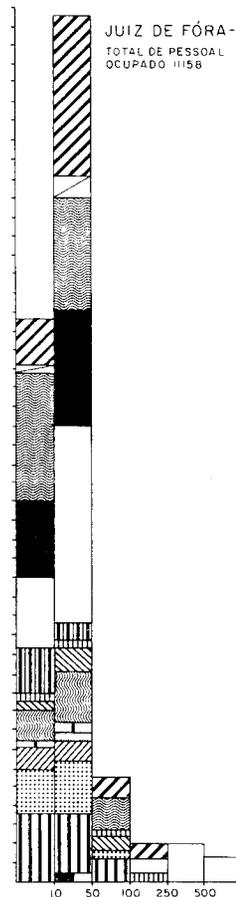


CATEGORIA 3 GRUPO 4a

b) CLASSE II INFERIOR A 1/3 DA CLASSE I
CAMPINAS - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 14185

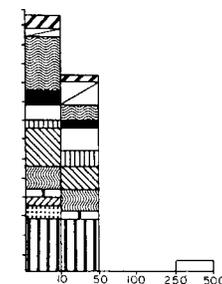


JUIZ DE FÓRA - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 11158

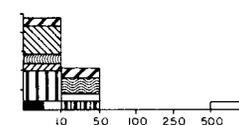


CATEGORIA 4

CLASSE III INFERIOR A 1/3 DA CLASSE II
COM AUSÊNCIA DA CLASSE I
ARAÇATUBA - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 1648

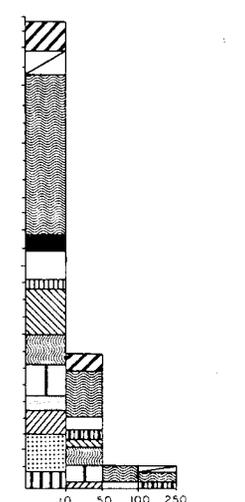


LEOPOLDINA - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 1250



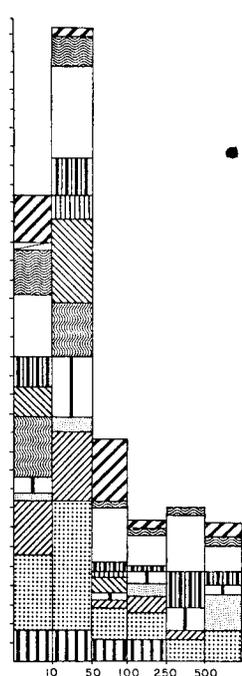
CATEGORIA 6

MARÍLIA - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 1775



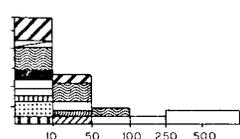
CATEGORIA 2 GRUPO 1

a) CLASSE II IGUAL A CLASSE III
SANTO ANDRÉ - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 40997

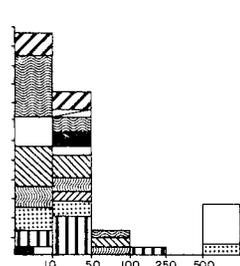


GRUPO 7 e 8

c) CLASSE III INFERIOR A CLASSE II
CATAGUAZES - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 2884

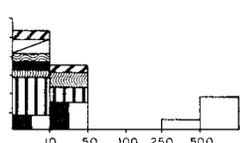


c) CLASSE III INFERIOR A CLASSE II
SOROCABA - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 15524

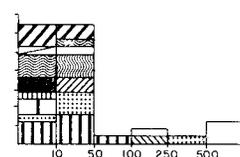


GRUPO 9

d) AUSÊNCIA DA CLASSE II
MAGÉ - RJ
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 5380

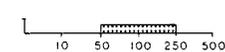


NOVA FRIBURGO - RJ
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 4788



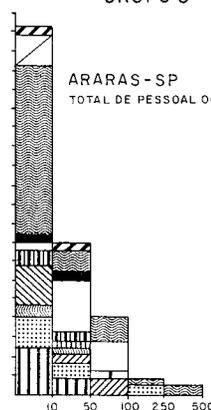
CATEGORIA 5

d) AUSÊNCIA DA CLASSE I
RIO ACIMA - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 217

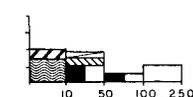


GRUPO 5

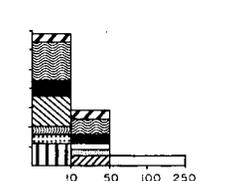
ARARAS - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 2483



c) CLASSE I IGUAL A CLASSE II
DIAMANTINA - MG
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 629

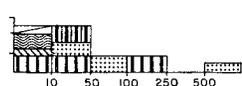


BATATAIS - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 652

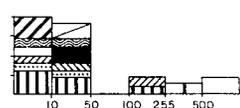


GRUPO 4

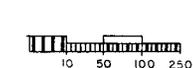
b) CLASSE II INFERIOR A CLASSE III
VOLTA REDONDA - RJ
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 11519



TAUBATÉ - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 5940



b) CLASSE I INFERIOR A CLASSE II
SUZANO - SP
TOTAL DE PESSOAL OCUPADO 1792



ESCALA VERTICAL: CADA 2mm CORRESPONDE A 1 ESTABELECIMENTO
ESCALA HORIZONTAL: CLASSE DE ESTABELECIMENTOS
 I - 0 a 50 pessoas ocupadas
 II - 51 a 250 " "
 III - mais de 250 pessoas ocupadas

gênero de indústria, das relações com a matéria-prima ou com os mercados; 2.) comparar os centros industriais quanto ao índice teórico de *média de pessoas por estabelecimentos*, que tem significado quando efetuado para cada gênero de indústria.

Neste estudo, verifica-se de imediato a maior dispersão ou a maior concentração de tal ou qual gênero; por exemplo, a indústria têxtil e a indústria de produtos alimentares são muito dispersas, enquanto a indústria de material elétrica é altamente concentrada.

Para cada centro, o número de pessoas ocupadas em determinado gênero industrial foi dividido pelo número de estabelecimentos, para a obtenção da *média de pessoas ocupadas por estabelecimento*. Assim, por exemplo, embora a cidade de São Paulo acuse a maior quantidade de pessoas ocupadas na indústria metalúrgica, esta, no entanto, se encontra dispersa em numerosos estabelecimentos, pequenos em sua maioria, enquanto num centro como Volta Redonda, a concentração é muito elevada.

7 — *Complexos industriais, regiões industriais e centros industriais*

— Foi finalmente tentada a primeira síntese com os estudos da geografia das indústrias no Brasil Sudeste, que levaram a distinguir complexos, regiões e centros industriais.

IV — A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA ATIVIDADE INDUSTRIAL NO BRASIL SUDESTE

1. *Centros industriais*¹³

Os municípios do chamado Brasil Sudeste foram classificados, segundo a quantidade da mão-de-obra empregada nas indústrias, em 8 categorias de centros, através de um gráfico de dispersão. São elas:

- 1) *centro muito grande*, de mais de 400 000 pessoas ocupadas — São Paulo;
- 2) *centro muito grande*, de mais de 150 000 pessoas ocupadas — Rio de Janeiro;
- 3) *grandes centros*, de 10 000 a 50 000 pessoas ocupadas, figurando nesta categoria:
 - a) os grandes subúrbios industriais da cidade de São Paulo, como Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. É interessante verificar que o Rio de Janeiro não conta com subúrbios industriais tão importantes, a não ser que se considere Niterói como tal;
 - b) cidades importantes, algumas delas tradicionais centros industriais, como Juiz de Fora, Sorocaba, Petrópolis, Belo Horizonte, Santos, Jundiaí e Campinas;
 - c) um novo centro industrial, planejado e especializado: Volta Redonda;

¹³ Baseado em estudo de SALOMON TURNOWSKI.

- 4) *centros médios*, de 4 000 a 10 000 pessoas ocupadas, figurando nesta categoria:
 - a) subúrbios ou satélites das grandes metrópoles, como Moji das Cruzes ou Nova Iguaçu;
 - b) um ou outro importante centro regional, como Ribeirão Preto;
 - c) centros industriais tradicionais, como Nova Friburgo, ou, rejuvenescidos, como o de Taubaté;
 - d) centros da zona metalúrgica de Minas Gerais, como João Monlevade e Coronel Fabriciano. Campos figura nesta categoria devido à importância de suas usinas açucareiras;
- 5) *centros médios pequenos*, de 2 200 a 4 000 pessoas ocupadas;
- 6) *centros pequenos*, de 1 200 a 2 200 pessoas ocupadas;
- 7) *centros muito pequenos*, de 250 a 1 200 pessoas ocupadas e
- 8) *centros elementares*, de 200 a 850 pessoas.

Não foram considerados os municípios com menos de 200 pessoas ocupadas nas indústrias de transformação.

A simples observação de um cartograma de distribuição das atividades industriais no Sudeste do Brasil torna flagrante a desproporção entre duas enormes concentrações correspondentes às áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, e os demais trechos industriais da região, com nítida superioridade para o pólo constituído pela capital paulistana.

Nas indústrias do município de São Paulo estão ocupadas 441 893 pessoas, ou seja, 55% da mão-de-obra industrial do estado de São Paulo e 26% de todo o Brasil. Tal número é acrescido de mais 122 685 pessoas se se considerar a área metropolitana de São Paulo e vizinhança próxima, na qual foram incluídos 15 municípios¹⁴. Figuram nesta relação alguns grandes centros como Santo André, terceiro município industrial do Brasil, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, além de outros centros médios como Guarulhos, Mauá, Moji das Cruzes e São Roque.

A Guanabara é o segundo centro industrial do Brasil com 190 400 pessoas ocupadas no setor secundário. Os números revelam, no entanto, a enorme distância entre Rio de Janeiro e São Paulo, quanto à importância industrial. Esta diferença é ainda mais acentuada quando se consideram as aglomerações; nota-se que nos municípios suburbanos situados à volta da Guanabara, trabalham apenas 44 438 pessoas nas indústrias, de modo que, enquanto a aglomeração paulista totaliza 564 578 pessoas na indústria, a carioca apresenta apenas 234 838, ou seja, bem menos da metade.

São Paulo e Rio de Janeiro, acrescidos de seus subúrbios industriais e municípios próximos, ocupam cerca de 800 000 pessoas, aproximadamente 2/3 da mão-de-obra industrial do Sudeste do Brasil.

¹⁴ Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul, Moji das Cruzes, São Roque, Guarulhos, Poá, Susano, Ferraz de Vasconcelos, Cotia, Barnerl, Ribeiro Pires, Mauá, Franco da Rocha e Itapeperica da Serra.

Abstraindo-se o grupamento de centros industriais da região de Belo Horizonte, os outros trechos mais industrializados da Região Sudeste, situam-se junto às duas referidas metrópoles nacionais, refletindo uma localização ditada pela influência daquelas capitais. Nestas regiões vizinhas às duas gigantescas cidades processa-se, inclusive, o transbordamento da atividade industrial a partir das metrópoles. Numerosos estabelecimentos industriais nelas localizados pertencem a empresas sediadas em São Paulo e Rio de Janeiro.

Os municípios da categoria *grandes centros* situam-se todos, com exceção de Belo Horizonte, tanto nas mencionadas áreas metropolitanas como nas regiões vizinhas próximas. Os grandes centros industriais paulistas que não formam continuidade urbana com a cidade de São Paulo — Santos, Jundiaí, Campinas e Sorocaba — encontram-se, a curta distância da metrópole bandeirante; considerando a área por eles balizada mais a área metropolitana paulistana, obtém-se um total de cerca de 650 000 pessoas empregadas no setor secundário, o que significa mais da metade da mão-de-obra industrial do Sudeste do Brasil. Os mesmos aspectos se repetem em relação ao pólo constituído pela Guanabara, embora em menores proporções: Petrópolis, Volta Redonda e Juiz de Fora são grandes centros nas suas proximidades.

Desta forma, é possível distinguir três grandes áreas onde se manifesta o processo de industrialização no Brasil Sudeste e que contêm a quase totalidade dos municípios das categorias de mais de 2 200 pessoas ocupadas nas indústrias.

1.º — A mais importante tem como núcleo a gigantesca concentração de São Paulo, que agregada a Santos representa o foco de onde se irradia, uma área sob forma de leque, em direção ao interior do planalto, ao longo dos eixos de circulação e, cujos pontos extremos são Franca e Bauru; e outra que se estende na direção do vale do Paraíba.

A densidade da atividade industrial é considerável nos trechos mais próximos à capital, surgindo, já, como importante região industrial a compreendida entre Jundiaí, Sorocaba, Piracicaba e Limeira. O trecho situado a oeste de São Paulo, onde Sorocaba é grande centro, é menos dinâmico; Itu e Salto testemunham a antiga implantação têxtil. A expansão industrial é mais desenvolvida a noroeste, onde Campinas figura como principal núcleo urbano; cumpre acrescentar, o afluxo recente a esta zona de grandes estabelecimentos pertencentes a poderosas empresas estrangeiras.

É ainda na direção noroeste que se encontra para o interior atividade industrial de relativa importância, em centros mais dispersos. Ribeirão Preto é o município da categoria dos centros médios mais distante de São Paulo, aparecendo numa situação isolada.

2.º — A segunda área tem como núcleo o conjunto metropolitano do Rio de Janeiro, estendendo-se daí para o norte até Cataguases e São João d'El Rei, através das regiões serranas, fluminenses e mineiras, e, também pelo vale do Paraíba, na direção do estado de São Paulo.

Esta área distingue-se da anterior pelo menor número de centros industriais, frequência mais reduzida de categorias elevadas, e menor variedade na produção industrial. Excluído o complexo metropolitano e o trecho do vale do Paraíba, o restante desta área pode ser caracterizado pela dominância de centros têxteis, dos quais alguns conservam apenas velhos estabelecimentos de antigas fases históricas. Mesmo grandes centros modernizados, como Petrópolis e Juiz de Fora acusam acentuado predomínio da tecelagem.

3.^o — Uma terceira concentração, menor, pode ser delineada na área de Belo Horizonte, caracterizada pela presença de diversos centros siderúrgicos. A capital mineira distingue-se como o único centro classificado como grande, ao qual se junta um centro médio, o subúrbio de Contagem. A esta categoria pertencem os centros siderúrgicos de Coronel Fabriciano e Rio Piracicaba.

4.^o — Cumpre dar especial menção ao desenvolvimento industrial do vale do Paraíba, conseqüência da irradiação de indústrias a partir de São Paulo e Rio de Janeiro; trata-se de uma localização ditada pela principal artéria de circulação entre as duas metrópoles, onde se alinha um eixo de centros industriais. A industrialização mostra-se mais intensa nos trechos situados entre Volta Redonda e Cruzeiro e entre Taubaté e São Paulo, êste último sob influência exclusiva da capital bandeirante; Taubaté e São José dos Campos já se distinguem como centros de categoria média.

No restante do território do Sudeste existem, apenas, pequenos centros mais ou menos agrupados e vastas áreas onde praticamente não há nenhuma atividade industrial.

2. *Gêneros de indústria*

O exame dos diferentes modos de desenvolvimento de cada gênero e de sua localização, leva à compreensão dos aspectos geográficos da distribuição das indústrias no Brasil Sudeste.

a) *A indústria têxtil*¹⁵

Ocupa lugar de realce no Brasil, quer pelo contingente de mão-de-obra nêle empregado, quer por sua contribuição na formação do valor da produção, atendendo ao mercado interno e visando à exportação.

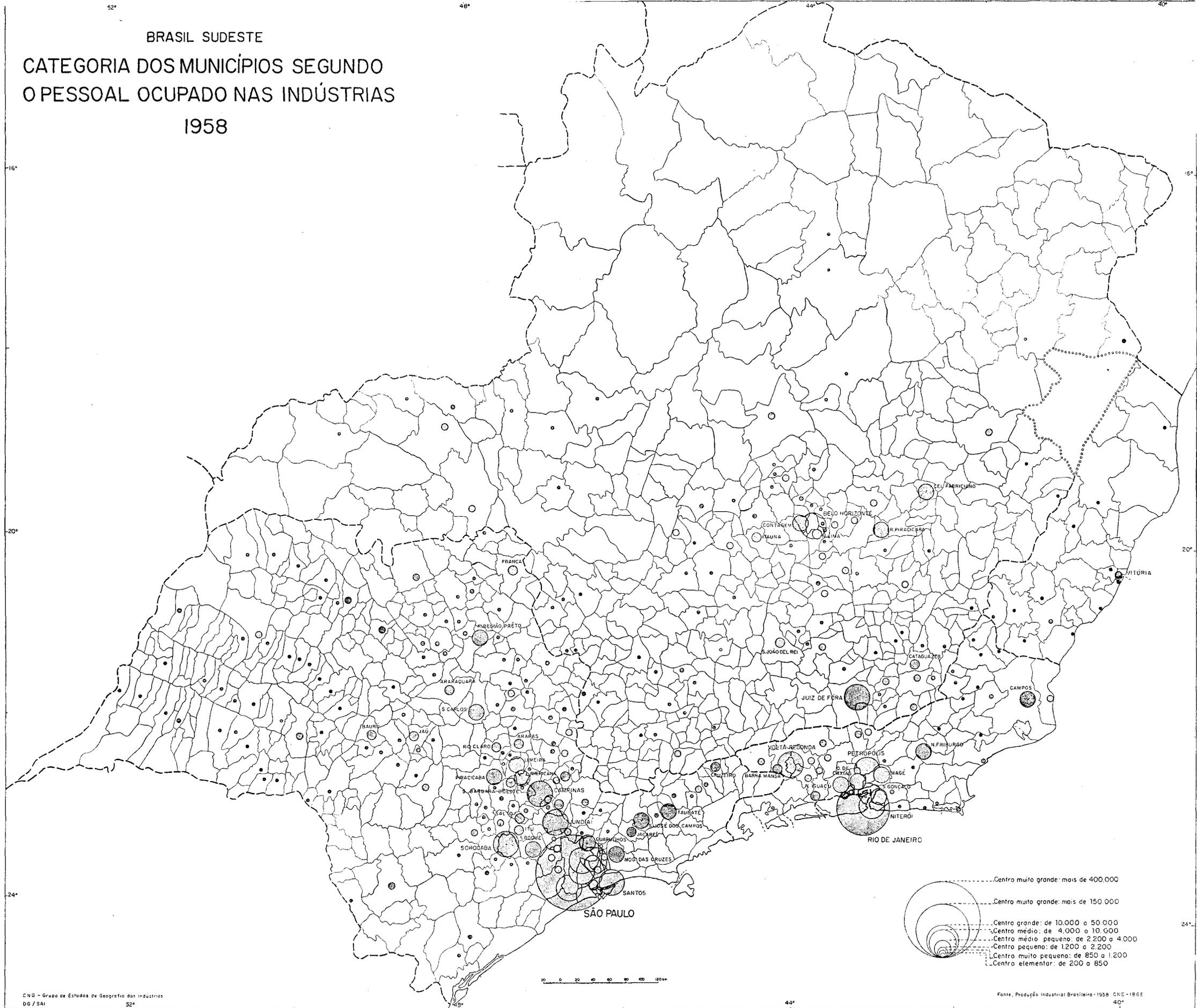
O longo período de desenvolvimento desta indústria tornou-a elemento marcante da geografia do Brasil Sudeste: raros os centros industriais de certa importância onde a atividade têxtil não está presente; por outro lado, em grande parte, o caráter industrial dos pequenos centros disseminados nesta região é conseqüência da existência de uma ou mais fábricas de tecidos, que datam de fases econômicas passadas, mas que ainda lá permanecem, sem terem acarretado modificações de maior monta na estrutura econômica local. Esta observação reflete-se formalmente na distribuição esparsa que apresenta a indústria têxtil, na região

¹⁵ Baseado no trabalho de MARIA LÚCIA MEIRELES DE ALMEIDA.

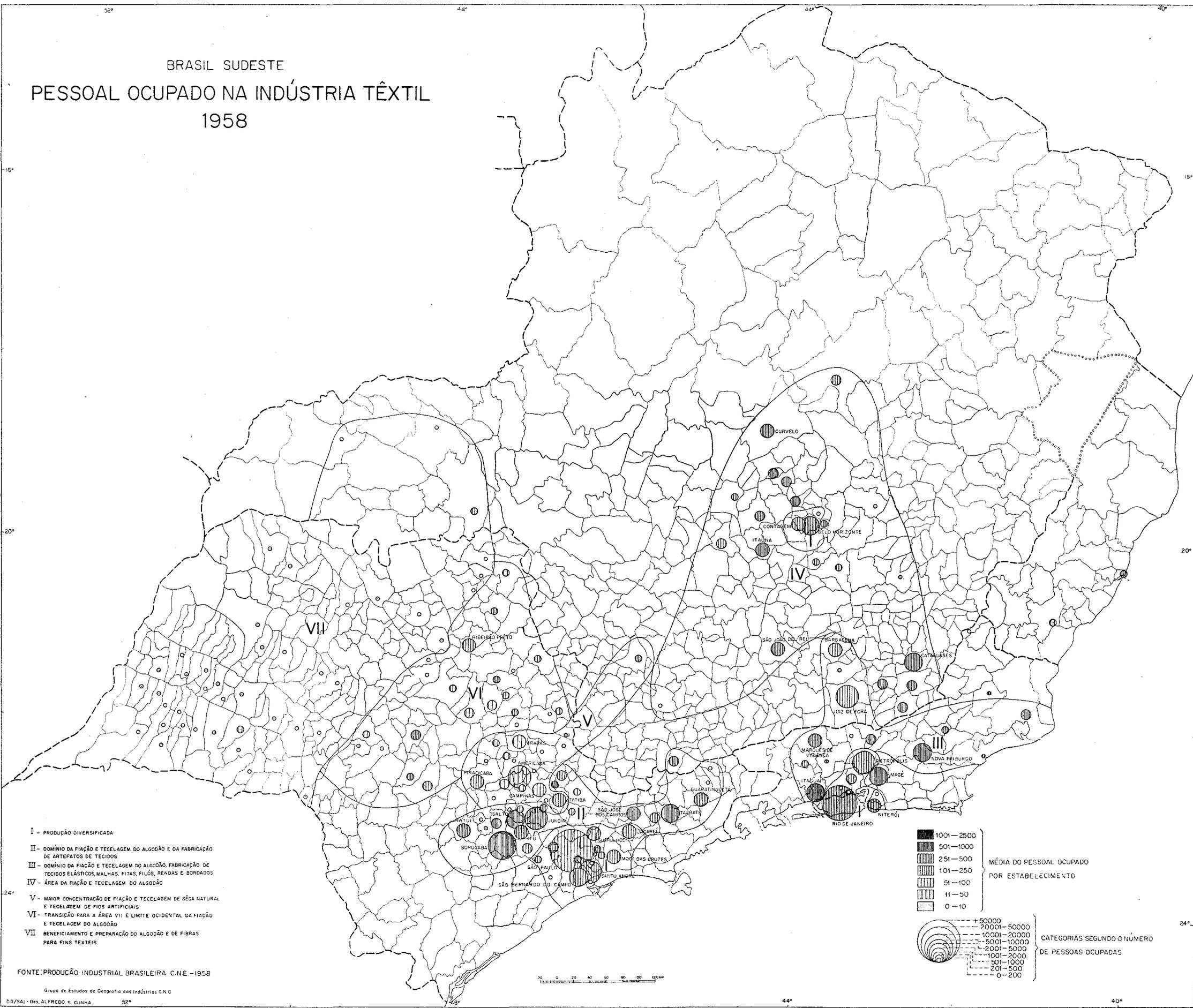
BRASIL SUDESTE

CATEGORIA DOS MUNICÍPIOS SEGUNDO O PESSOAL OCUPADO NAS INDÚSTRIAS

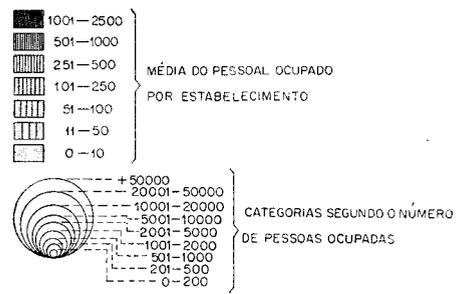
1958



BRASIL SUDESTE
 PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA TÊXTIL
 1958



- I - PRODUÇÃO DIVERSIFICADA
- II - DOMÍNIO DA FIAÇÃO E TECELAGEM DO ALGODÃO E DA FABRICAÇÃO DE ARTEFATOS DE TECIDOS
- III - DOMÍNIO DA FIAÇÃO E TECELAGEM DO ALGODÃO, FABRICAÇÃO DE TECIDOS ELÁSTICOS, MALHAS, FITAS, FILÓS, RENDAS E BORDADOS
- IV - ÁREA DA FIAÇÃO E TECELAGEM DO ALGODÃO
- V - MAIOR CONCENTRAÇÃO DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE SEDA NATURAL E TECELAGEM DE FIOS ARTIFICIAIS
- VI - TRANSIÇÃO PARA A ÁREA VII E LIMITE OCIDENTAL DA FIAÇÃO E TECELAGEM DO ALGODÃO
- VII - BENEFICIAMENTO E PREPARAÇÃO DO ALGODÃO E DE FIBRAS PARA FINS TEXTÉIS



FONTE: PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA C.N.E.-1958

considerada. Na verdade, dentre os gêneros de indústria estudados nesta região, é dos que acusam maior dispersão, relacionada principalmente às condições históricas de sua implantação inicial e posterior desenvolvimento.

As iniciativas que animaram o empreendimento têxtil nos seus primórdios manifestaram-se, guardadas as diferenças de proporções, tanto nas grandes cidades, quanto em pequenos centros. A uma série de fatos, tais como a evolução do artesanato rural, a orientação de capitais locais para a atividade industrial, a relativa simplicidade dos processos industriais empregados, somava-se a precária organização dos transportes, como fator de maior relevância. A deficiência dos meios de comunicação imprimia a certas localidades, relativamente isoladas, um caráter de auto-suficiência, quanto à produção e consumo. O estabelecimento têxtil geralmente era a indústria pioneira não significando necessariamente o germe de um desenvolvimento industrial posterior para o centro. O mercado restrito e as dificuldades de acesso à matéria-prima distante não davam, pois, margem à implantação fabril em larga escala.

Em oposição, a concentração afirma-se nos centros urbanos mais importantes: justificavam-na, entre outros aspectos, a amplitude dos mercados e a convergência das linhas de transportes, que permitiam o afluxo de matéria-prima de pontos distantes. Acrescente-se, ainda, que, provavelmente devido a estas condições, aqueles centros atraíram capitais estrangeiros, cujos investimentos se aplicaram sobretudo em grandes estabelecimentos têxteis. A posição portuária do Rio de Janeiro representou, portanto, fator ponderável na instalação de inúmeras grandes fábricas de tecidos. Idêntico fenômeno manifestou-se em várias cidades favorecidas pela organização dos transportes: Juiz de Fora, Campinas, Sorocaba, etc... (Foto 10)

No decurso de seu desenvolvimento, a indústria têxtil revestiu-se de maior complexidade, assimilando novas técnicas e padrões de produção. Por sua vez, a evolução da rede de transportes facilitava o acesso e a mobilização de maiores quantidades de matéria-prima. Intensificou-se assim o processo de concentração têxtil nas cidades mais importantes, onde a maior diversificação industrial proporciona recursos mais amplos aos requisitos reclamados pela indústria de tecidos.

A atual acentuação deste fenômeno permite distinguir na Região Sudeste um limite entre a parte onde se multiplicaram os empreendimentos têxteis e uma outra, a oeste, praticamente desprovida de fiações e tecelagens. Trata-se, respectivamente, de áreas de ocupação mais antiga, na zona da mata e no centro de Minas Gerais, no estado do Rio de Janeiro e na porção oriental do estado de São Paulo; e de áreas de expansão agrícola mais recente, a que correspondem trechos do planalto ocidental paulista e o Triângulo Mineiro, por exemplo, onde as atividades têxteis se limitam, geralmente, ao beneficiamento e preparação do algodão em fibra.

A modernização e o aumento da produção têxtil acentuaram o fenômeno de concentração não só nos mercados das grandes metrópoles, como nos centros importantes situados nas suas proximidades. Consti-

tuem as áreas econômicas mais vivas do Sudeste, para onde se voltam os grandes investimentos, como o efetuado recentemente pela empresa japonesa Toyoba, em Americana; são estas, igualmente, as áreas onde se processa maior diversificação de produtos fabricados, como é o caso da introdução de artigos de seda e, mais recentemente, de fibras artificiais.

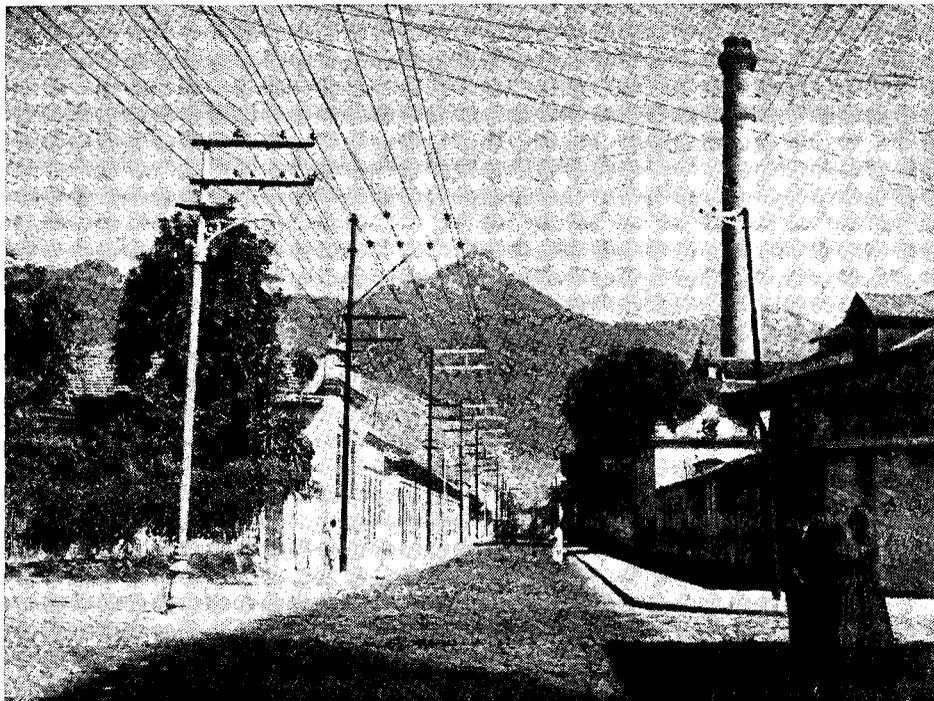


Foto 10 — A cidade do Rio de Janeiro é centro industrial de grandes fábricas têxteis. São geralmente antigos estabelecimentos, cuja localização era ditada pela presença de cursos d'água, requisito indispensável às condições técnicas de então. Instalando-se em pontos diversos da cidade, as tecelagens constituíram-se em elementos de urbanização, introduzindo uma fisionomia própria, através da construção do casario operário construído ao lado das fábricas. O crescimento urbano posterior acarretou o fechamento ou transferência de algumas fábricas e a modificação da estrutura dos velhos bairros onde se encontravam. Dentre os testemunhos daquele período cita-se a Fábrica Conjunça, na rua Maxwell, de que a foto revela um dos ângulos. (n.º 4 038 CNG)

Os principais centros têxteis grupam-se em três zonas de maior concentração no Brasil Sudeste:

- 1) a constituída pela área que se estende desde a metrópole paulistana até o alto do rebôrdio da *cuesta* basáltica, com penetração no vale do Paraíba;
- 2) a área que se estende desde a Guanabara e trechos serranos fluminenses até a zona da mata de Minas Gerais e mesmo São João d'El Rei; e
- 3) a situada ao redor de Belo Horizonte.

A indústria têxtil representa importante setor de atividade na principal região industrial de São Paulo. Na capital paulistana, onde mobiliza a maior quantidade de mão-de-obra por gênero, constituiu-se em

CARTOGRAMA DO SUDESTE DO BRASIL



0 20 40 60 80 100 120 km

ESTADO DE MINAS GERAIS

1	— Abadia dos Dourados	N-12
2	— Abaeté	O-12
3	— Abre Campo	P-13
4	— Açucena	P-12
5	— Água Boa	P-11
6	— Água Comprida	M-13
7	— Águas Formosas	Q-11
8	— Aimorés	Q-12
9	— Aiuruoca	O-13
10	— Além Paraíba	P-13
11	— Alfenas	O-13
12	— Almenara	Q-11
13	— Alpinópolis	N-13
14	— Alterosa	N-13
15	— Alto Rio Doce	P-13
16	— Alvinópolis	P-13
17	— Andradás	N-14
18	— Andrelândia	O-13
19	— Antônio Carlos	P-13
20	— Antônio Dias	P-12
21	— Araçuaí	P-11
22	— Araguari	M-12
23	— Araújos	O-12
24	— Araxá	N-12
25	— Arceburgo	N-13
26	— Arcos	O-13
27	— Areado	N-13
28	— Astolfo Dutra	P-13
29	— Ataléia (Litígio MG/ES)	Q-12
30	— Baependi	O-13
31	— Baldim	P-12
32	— Bambuí	O-13
33	— Barão de Cocais	P-12
34	— Barbacena	P-13
35	— Barra Longa	P-13
36	— Barroso	P-13
37	— BELO HORIZONTE (Capital)	P-12
38	— Belo Vale	O-13
39	— Betim	O-12
40	— Bias Fortes	P-13
41	— Bicas	P-13
42	— Boa Esperança	O-13
43	— Bocaina de Minas	O-14
44	— Bocaiúva	P-11
45	— Bom Despacho	O-12
46	— Bom Jardim de Minas	O-13
47	— Bom Jesus do Amparo	P-12
48	— Bom Jesus do Galho	P-12
49	— Bom Repouso	N-14
50	— Bom Sucesso	O-13
51	— Bonfim	O-13
52	— Borda da Mata	N-14
53	— Botelhos	N-13
54	— Brasília	O-11
55	— Brasópolis	O-14
56	— Brás Pires	P-13
57	— Braúnas	P-12
58	— Brumadinho	O-13
59	— Bueno Brandão	N-14
60	— Buenópolis	O-11
61	— Cabo Verde	N-13
62	— Cachoeira de Minas	O-14
63	— Caetanópolis	O-12
64	— Caeté	P-12
65	— Caldas	N-13
66	— Camanduaia	N-14
67	— Cambuí	N-14
68	— Cambuquira	O-13
69	— Campanha	O-13
70	— Campestre	N-13
71	— Campina Verde	M-12
72	— Campo Belo	O-13
73	— Campo do Meio	O-13
74	— Campo Florido	M-12
75	— Campos Altos	N-12
76	— Campos Gerais	O-13
77	— Cana do Reino	O-13
78	— Canápolis	M-12
79	— Candeias	O-13
80	— Capela Nova	P-13
81	— Capelinha	P-11
82	— Capetinga	N-13
83	— Capim Branco	O-12
84	— Capinópolis	M-12
85	— Capitólio	N-13
86	— Carai	Q-11
87	— Carandaí	P-13
88	— Carangola	P-13
89	— Caratinga	P-12
90	— Careaçú	O-14
91	— Carlos Chagas	Q-11
92	— Carmo da Cachoeira	O-13
93	— Carmo da Mata	O-13
94	— Carmo de Minas	O-14
95	— Carmo do Cajuru	O-13
96	— Carmo do Paranaíba	N-12
97	— Carmo do Rio Claro	N-13
98	— Carmópolis de Minas	O-13
99	— Carrancas	O-13

100	— Carvalhos	O-13
101	— Cascaíto Rico	N-12
102	— Cássia	N-13
103	— Cataguazes	P-13
104	— Caxambu	O-13
105	— Centralina	M-12
106	— Chiador	P-13
107	— Cipotânea	P-13
108	— Claraval	N-13
109	— Cláudio	O-13
110	— Coimbra	P-13
111	— Coluna	P-12
112	— Comendador Gomes	M-12
113	— Comercinho	Q-11
114	— Conceição da Aparecida	N-13
115	— Conceição das Alagoas	M-12
116	— Conceição do Ipanema	Q-12
117	— Conceição do Mato Dentro	P-12
118	— Conceição do Rio Verde	O-13
119	— Conceição dos Ouros	O-14
120	— Congonhal	N-14
121	— Congonhas	P-13
122	— Conquista	N-12
123	— Conselheiro Lafaiete	P-13
124	— Conselheiro Pena	Q-12
125	— Contagem	O-12
126	— Coqueiral	O-13
127	— Coração de Jesus	O-11
128	— Cordisburgo	O-12
129	— Corinto	O-12
130	— Coroaçá	P-12
131	— Coromandel	N-12
132	— Coronel Fabriciano	P-12
133	— Coronel Murta	P-11
134	— Córrego Danta	O-12
135	— Córrego do Bom Jesus	O-14
136	— Cristais	O-13
137	— Cristina	O-14
138	— Cruzilândia	O-13
139	— Cruzília	O-13
140	— Curvelo	O-12
141	— Delfim Moreira	O-14
142	— Delfinópolis	N-13
143	— Descoberto	P-13
144	— Destêrro de Entre Rios	O-13

* Passou a denominar-se Santa Rita de Cássia pela Lei Estadual n.º 912, de 30 de abril de 1957.

N.	MUNICÍPIOS	LOCAL.
145	— Diamantina	P-12
146	— Dionísio	P-12
147	— Divino	P-13
148	— Divinópolis	O-13
149	— Divisa Nova	N-13
150	— Dom Joaquim	P-12
151	— Dom Silvério	P-13
152	— Dom Viçoso	O-14
153	— Dolores de Campos	O-13
154	— Dolores do Indaiá	O-12
155	— Dolores do Turvo	P-13
156	— Elói Mendes	O-13
157	— Entre Rios de Minas	O-13
158	— Ervália	P-13
159	— Esmeraldas	O-12
160	— Espera Feliz	Q-13
161	— Espinosa	P-10
162	— Estiva	N-14
163	— Estrela Dalva	P-13
164	— Estrela do Indaiá	O-12
165	— Estrela do Sul	N-12
166	— Eugenópolis	P-13
167	— Extrema	N-14
168	— Fama	O-13
169	— Faria Lemos	P-13
170	— Felixlândia	O-12
171	— Ferros	P-12
172	— Formiga	O-13
173	— Francisco Sá	P-11
174	— Frutal	M-13
175	— Galiléia	Q-12
176	— Gouveia	P-12
177	— Governador Valadares	Q-12
178	— Grão Mogol	P-11
179	— Guanhães	P-12
180	— Guapé	O-13
181	— Guaraciaba	P-13
182	— Guaraniânia	N-13
183	— Guarani	P-13
184	— Guarará	P-13
185	— Guaxupé	N-13
186	— Guia Lopes	N-13
187	— Guidoval	P-13
188	— Guiricema	P-13
189	— Heliodora	O-14
190	— Iapu	P-12
191	— Ibiá	N-12
192	— Ibiraci	N-13
193	— Iguatama	O-13
194	— Ilhéus	O-13
195	— Indianópolis	N-12

196	— Inhapim	P-12
197	— Inhaúma	O-12
198	— Ipanema	Q-12
199	— Ipuúna	N-14
200	— Itabira	P-12
201	— Itabirito	P-12
202	— Itaguara	O-12
203	— Itajubá	O-14
204	— Itamarandiba	P-11
205	— Itambacuri	Q-12
206	— Itamoi	N-13
207	— Itamonte	O-14
208	— Itanhandu	O-14
209	— Itanhomi	Q-12
210	— Itapagipe	M-12
211	— Itapeçerica	O-13
212	— Itaúna	O-13
213	— Itinga	Q-11
214	— Itucta	Q-12
215	— Ituiutaba	M-12
216	— Itumirim	O-13
217	— Iturama	L-12
218	— Itutinga	O-13
219	— Jaboticatubas	P-12
220	— Jacinto	Q-11
221	— Jacuí	N-13
222	— Jacutinga	N-14
223	— Jaguaracú	P-12
224	— Janaúba	P-10
225	— Januária	O-10
226	— Jeceba	O-13
227	— Jequeri	P-13
228	— Jequitaiá	O-11
229	— Jequitibá	O-12
230	— Jequitinhonha	Q-11
231	— Jesuânia	O-13
232	— Joásima	Q-11
233	— Joanésia	P-12
234	— João Pinheiro	N-11
235	— Jordânia	Q-10
236	— Juiz de Fora	P-13
237	— Juramento	P-11
238	— Juruaia	N-13
239	— Ladainha	Q-11
240	— Lagoa da Prata	O-13
241	— Lagoa Dourada	O-13
242	— Lagoa Santa	P-12
243	— Lajinha	Q-13
244	— Lambari	O-13
245	— Laranjal	P-12
246	— Lassance	O-11
247	— Lavras	O-13
248	— Leopoldina	P-13
249	— Liberdade	O-14
250	— Lima Duarte	P-13
251	— Luminárias	O-13
252	— Luz	O-12
253	— Machacalis	Q-11
254	— Machado	O-13
255	— Madre de Deus de Minas	O-13
256	— Malacacheta	P-11
257	— Manga	P-10
258	— Manhuaçu	P-13
259	— Manhumirim	Q-13
260	— Mantena (Litígio MG/ES)	Q-12
261	— Maravilhas	O-12
262	— Mar de Espanha	P-13
263	— Maria da Fé	O-14
264	— Mariana	P-13
265	— Marliéria	P-12
266	— Martinho Campos	O-12
267	— Mateus Leme	O-12
268	— Matias Barbosa	P-13
269	— Matipó	P-13
270	— Mato Verde	P-10
271	— Matozinhos	O-12
272	— Metutina	O-12
273	— Medina	Q-11
274	— Mendes Pimentel (Litígio MG/ES)	Q-12
275	— Mercês	P-13
276	— Mesquita	P-12
277	— Minas Novas	P-11
278	— Minduri	O-13
279	— Miradouro	P-13
280	— Miraf	P-13
281	— Moeda	O-13
282	— Moema	O-12
283	— Monsenhor Paulo	O-13
284	— Monte Alegre de Minas	M-12
285	— Monte Azul	P-10
286	— Monte Belo	N-13
287	— Monte Carmelo	N-12
288	— Monte Santo de Minas	N-13
289	— Montes Claros	P-11
290	— Monte Sião	N-14
291	— Morada Nova de Minas	O-12
292	— Morro do Pilar	P-12
293	— Munhoz	N-14
294	— Muriaé	P-13
295	— Mutum	Q-12
296	— Muzambinho	N-13

297	— Nanuque (Litígio MG/ES)	Q-11
298	— Natércia	O-14
299	— Nazareno	O-13
300	— Nepomuceno	O-13
301	— Nova Era	P-12
302	— Nova Lima	P-12
303	— Nova Ponte	N-12
304	— Nova Resende	N-13
305	— Nova Serrana	O-12
306	— Novo Cruzeiro	Q-11
307	— Oliveira	O-13
308	— Oliveira Fortes	P-13
309	— Ouro Branco	P-13
310	— Ouro Fino	N-14
311	— Ouro Preto	P-13
312	— Pains	O-13
313	— Paiva	P-13
314	— Palma	P-13
315	— Papagaio	O-12
316	— Paracatu	N-11
317	— Pará de Minas	O-12
318	— Paraguaçu	O-13
319	— Paraisópolis	O-14
320	— Paraopeba	O-12
321	— Passa Quatro	O-14
322	— Passa Tempo	O-13
323	— Passa Vinte	O-14
324	— Passos	N-13
325	— Patos de Minas	N-12
326	— Patrocínio	N-12
327	— Patrocínio do Muriaé	P-13
328	— Paula Cândido	P-13
329	— Paulistas	P-12
330	— Peçanha	P-12
331	— Pedra Azul	Q-11
332	— Pedralva	O-14
333	— Pedro Leopoldo	O-12
334	— Pequi	P-13
335	— Pequi	O-12
336	— Perdígão	O-12
337	— Perdizes	N-12
338	— Perdões	O-13
339	— Piau	P-13
340	— Piedade do Rio Grande	O-13
341	— Pimenta	O-13
342	— Piracema	O-13
343	— Pirajuba	M-12
344	— Piranga	P-13
345	— Pirapetinga	P-13
346	— Pirapora	O-11
347	— Piratuba	P-13
348	— Pitangui	O-12
349	— Piuí	O-13
350	— Poço Fundo	O-13
351	— Poços de Caldas	N-13
352	— Pocrane	Q-12
353	— Pompéu	O-12
354	— Ponte Nova	P-13
355	— Porteirinha	P-10
356	— Porto Firme	P-13
357	— Poté	O-11
358	— Pouso Alegre	O-14
359	— Pouso Alto	O-14
360	— Prados	O-13
361	— Prata	M-12
362	— Pratápolis	N-13
363	— Pratinha	N-12
364	— Presidente Bernardes	P-13
365	— Presidente Olegário	N-12
366	— Presidente Soares	Q-13
367	— Quartel Geral	O-12
368	— Raposos	P-12
369	— Raul Soares	P-13
370	— Recreio	P-13
371	— Resende Costa	O-13
372	— Resplendor	Q-12
373	— Ressaquinha	P-13
374	— Ribeirão das Neves	O-12
375	— Ribeirão Vermelho	O-13
376	— Rio Acima	P-13
377	— Rio Casca	P-13
378	— Rio do Prado	Q-11
379	— Rio Espera	P-13
380	— Rio Novo	P-13
381	— Rio Paranaíba	N-12
382	— Rio Pardo de Minas	P-10
383	— Rio Piracicaba	P-12
384	— Rio Pomba	P-13
385	— Rio Preto	P-14
386	— Rio Vermelho	P-12
387	— Rubim	Q-11
388	— Sabará	P-12
389	— Santa Leopoldina	P-12
390	— Sacramento	N-12
391	— Salinas	P-11
392	— Salto da Divisa	R-11
393	— Santa Bárbara	P-12
394	— Santa Cruz do Escalvado	P-13
395	— Santa Juliana	N-12
396	— Santa Luzia	P-12
397	— Santa Margerida	P-13

398	— Santa Maria de Itabira	P-12
399	— Santa Maria do Jacuá	P-12
400	— Santana de Pirapama	O-12
401	— Santana do Deserto	P-13
402	— Santana do Jacaré	O-13
403	— Santa Rita de Caldas	N-14
404	— Santa Rita de Jacutinga	O-14
405	— Santa Rita do Sapucaí	O-14
406	— Santa Vitória	L-12
407	— Santo Antônio do Amparo	O-13
408	— Santo Antônio do Gramma	P-13
409	— Santo Antônio do Monte	O-13
410	— Santos Dumont	P-13
411	— São Brás do Suaçuá	P-13
412	— São Domingos do Prata	P-12
413	— São Francisco	O-10
414	— São Francisco do Glória	P-13
415	— São Geraldo	P-13
416	— São Gonçalo do Abaeté	O-12
417	— São Gonçalo do Pará	O-12
418	— São Gonçalo do Sapucaí	O-13
419	— São Gotardo	N-12
420	— São João Batista do Glória	N-13
421	— São João da Ponte	O-10
422	— São João del Rei	O-13
423	— São João do Paraíso	P-10
424	— São João Evangelista	P-12
425	— São João Nepomuceno	P-13
426	— São José do Alegre	O-14
427	— São José do Goiabal	P-12
428	— São José do Jacuri	P-12
429	— São Lourenço	O-14
430	— São Miguel do Anta	P-13
431	— São Pedro da União	N-13
432	— São Pedro dos Ferros	P-13
433	— São Romão	O-11
434	— São Sebastião do Maranhão	P-12
435	— São Sebastião do Paraíso	N-13
436	— São Tiago	O-13
437	— São Tomás de Aquino	N-13
438	— São Vicente de Minas	O-13
439	— Sapucaí-Mirim	O-14
440	— Senador Firmino	P-13
441	— Senhora de Oliveira	P-13
442	— Senhora do Pôrto	P-12
443	— Senhora dos Remédios	P-13
444	— Serra do Salitre	N-12
445	— Serrania	N-13
446	— Serranos	O-13
447	— Sêro	P-12
448	— Sete Lagoas	O-12
449	— Silvianópolis	O-14
450	— Simonésia	O-13
451	— Soledade de Minas	O-14
452	— Tabuleiro	P-13
453	— Taiobeiras	P-10
454	— Tapiraí	N-12
455	— Tarumirim	O-12
456	— Teixeira	P-13
457	— Teófilo Otoni	O-11
458	— Tiradentes	O-13
459	— Tiros	O-12
460	— Tocantins	P-13
461	— Toledo	N-14
462	— Tombos	P-13
463	— Três Corações	O-13
464	— Três Pontas	O-13
465	— Tumiritinga	O-12
466	— Tupaciguara	M-12
467	— Turmalina	P-11
468	— Ubá	P-13
469	— Uberaba	N-12
470	— Uberlândia	M-12
471	— Unaí	N-11
472	— Vargem Bonita	N-13
473	— Varginha	O-13
474	— Várzea da Palma	O-11
475	— Vazante	N-12
476	— Veríssimo	M-12
477	— Vespasiano	P-12
478	— Viçosa	P-13
479	— Vieiras	P-13
480	— Virgem da Lapa	P-11
481	— Virgínia	O-14
482	— Virgínia	P-12
483	— Virgínia	P-12
484	— Visconde do Rio Branco	P-13
485	— Volta Grande	P-13

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

1	— Afonso Cláudio	O-13
2	— Alegre	O-13
3	— Alfredo Chaves	O-13
4	— Anchieta	O-13
5	— Aracruz	O-12
6	— Baixo Guandu (Litígio MG/ES)	O-12
7	— Barra de São Francisco (Litígio MG/ES)	O-12
8	— Cachoeira de Itapemirim	O-13
9	— Cariacica	O-13
10	— Castelo	O-13

11	— Colatina (Litígio MG/ES)	Q-12
12	— Conceição da Barra	R-12
13	— Domingos Martins	Q-13
14	— Ecoporanga (Litígio MG/ES)	Q-12
15	— Espírito Santo	Q-13
16	— Fundão	Q-12
17	— Guacuí	Q-13
N.º MUNICÍPIOS LOCAL		
18	— Guarapari	Q-13
19	— Ibiracu	Q-12
20	— Iconha	Q-13
21	— Itaguaçu	Q-12
22	— Itapemirim	Q-13
23	— Ituna	Q-13
24	— Linhares	Q-12
25	— Mantenedópolis (Litígio MG/ES)	Q-12
26	— Mimoso do Sul	Q-13
27	— Mucurici (Litígio MG/ES)	Q-12
28	— Muniz Freire	Q-13
29	— Muqui	Q-13
30	— Nova Venécia (Litígio MG/ES)	Q-12
31	— Rio Novo do Sul	Q-13
32	— Santa Leopoldina	Q-13
33	— Santa Teresa	Q-12
34	— São José do Calçado	Q-13
35	— São Mateus	R-12
36	— Serra	Q-13
37	— Viana	Q-13
38	— VITÓRIA (Capital)	Q-13

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

1	— Angra dos Reis	O-14
2	— Araruama	P-14
3	— Barra do Pirai	P-14
4	— Barra Mansa	O-14
5	— Bom Jardim	P-14
6	— Bom Jesus do Itabapoana	Q-13
7	— Cabo Frio	P-14
8	— Cachoeira de Macacu	P-14
9	— Cambuci	Q-13
10	— Campos	Q-13
11	— Cantagalo	P-13
12	— Carmo	P-13
13	— Casimiro de Abreu	P-14
14	— Conceição de Macabu	Q-14
15	— Cordeiro	P-14
16	— Duas Barras	P-14
17	— Duque de Caxias	P-14
18	— Itaboraí	P-14
19	— Itaguaí	P-14
20	— Itaocara	P-13
21	— Itaperuna	Q-13
22	— Macaé	Q-14
23	— Magé	P-14
24	— Mangaratiba	O-14
25	— Maricá	P-14
26	— Marquês de Valença	P-14
27	— Mendes	P-14
28	— Miguel Pereira	P-14
29	— Miracema	P-13
30	— Natividade do Carangola	Q-13
31	— Nilópolis	P-14
32	— NITERÓI (Capital)	P-14
33	— Nova Friburgo	P-14
34	— Nova Iguaçu	P-14
35	— Paraíba do Sul	P-14
36	— Parati	O-14
37	— Petrópolis	P-14
38	— Pirai	P-14
39	— Porciúncula	P-13
40	— Resende	O-14
41	— Rio Bonito	P-14
42	— Rio Claro	O-14
43	— Rio das Flores	P-14
44	— Santa Maria Madalena	P-13
45	— Santo Antônio de Pádua	P-13
46	— São Fidélis	Q-13
47	— São Gonçalo	P-14
48	— São João da Barra	Q-13
49	— São João de Meriti	P-14
50	— São Pedro da Aldeia	P-14
51	— São Sebastião do Alto	P-13
52	— Sapucaia	P-13
53	— Saquarema	P-14
54	— Silva Jardim	P-14
55	— Sumidouro	P-14
56	— Teresópolis	P-14
57	— Trajano de Moraes	P-14
58	— Três Rios	P-14
59	— Vassouras	P-14
60	— Volta Redonda	O-14

1	— RIO DE JANEIRO	P-14
---	------------------	------

ESTADO DE SÃO PAULO

1	— Adamantina	L-13
2	— Aguiá	N-14
3	— Águas da Prata	N-13
4	— Águas de Lindóia	N-14
5	— Águas de São Pedro	N-14
6	— Agudos	M-14
7	— Alfredo Marcondes	L-13
8	— Altinópolis	N-13
9	— Alto Alegre	L-13
10	— Álvares Florence	M-13
11	— Álvares Machado	L-14
12	— Álvaro de Carvalho	M-14
13	— Americana	N-14
14	— Américo de Campos	M-13
15	— Amparo	N-14
16	— Anailândia	N-14
17	— Andradina	L-13
18	— Angatuba	M-14
19	— Anhembi	M-14
20	— Anhumas	L-14
21	— Aparecida	O-14
22	— Apiaí	M-15
23	— Araçatuba	L-13
24	— Araçoiaba da Serra	N-14
25	— Araraquara	M-13
26	— Araras	N-14
27	— Arcaiva	M-14
28	— Areias	O-14
29	— Arinhanha	M-13
30	— Artur Nogueira	N-14
31	— Assis	L-14
32	— Atibaia	N-14
33	— Auriflama	L-13
34	— Avaí	M-14
35	— Avanhadava	M-13
36	— Avaré	M-14
37	— Balbinos	M-13
38	— Balsamo	M-13
39	— Bananal	O-14
40	— Bariri	M-14
41	— Barra Bonita	M-14
42	— Barretos	M-13
43	— Barrinha	M-13
44	— Barueri	N-14
45	— Bastos	L-13
46	— Batatais	N-13
47	— Bauru	M-14
48	— Bebedouro	M-13
49	— Bento de Abreu	L-13
50	— Bernardino de Campos	M-14
51	— Bilac	L-13
52	— Birigui	L-13
53	— Boa Esperança do Sul	M-13
54	— Bocaina	M-14
55	— Bofete	M-14
56	— Boituva	N-14
57	— Borborema	M-13
58	— Botucatu	M-14
59	— Bragança Paulista	N-14
60	— Braúna	L-13
61	— Brodósqui	N-13
62	— Brotas	M-14
63	— Buri	M-14
64	— Buritama	L-13
65	— Buritizal	N-13
66	— Cabrália Paulista	M-14
67	— Cabrúva	N-14
68	— Caçapava	O-14
69	— Cachoeira Paulista	O-14
70	— Caconde	N-13
71	— Cafelândia	M-13
72	— Caiubá	L-14
73	— Caiuá	L-13
74	— Cajobi	M-13
75	— Cajuru	N-13
76	— Campinas	N-14
77	— Campos do Jordão	O-14
78	— Campos Novos Paulista	L-14
79	— Cananéia	N-15
80	— Cândido Mota	L-14
81	— Capão Bonito	M-15
82	— Capivari	N-14
83	— Caraguatatuba	O-14
84	— Cardoso	M-13
85	— Casa Branca	N-13
86	— Castilho	L-13
87	— Catanduva	M-13
88	— Cedral	M-13
89	— Cerqueira César	M-14
90	— Cerquillo	N-14
91	— Charqueada	N-14
92	— Clementina	L-13
93	— Colina	M-13
94	— Conchal	N-14
95	— Conchas	M-14
96	— Cordeirópolis	N-14
97	— Coroados	L-13
98	— Corumbataí	N-14
99	— Cosmópolis	N-14

100	— Cosmorama	M-13
101	— Cotia	N-14
102	— Cravinhos	N-13
103	— Cruzeiro	O-14
104	— Cubatão	N-14
105	— Cunha	O-14
106	— Descalvado	N-13
107	— Divinolândia	N-13
108	— Dois Córregos	M-14
109	— Dourado	M-14
110	— Dracena	L-13
111	— Duartina	M-14
112	— Echaropã	L-14
113	— Eldorado	M-15
114	— Elias Fausto	N-14
115	— Estréla d'Oeste	L-13
116	— Fartura	M-14
117	— Fernandópolis	L-13
118	— Fernando Prestes	M-13
119	— Ferraz de Vasconcelos	N-14
120	— Flora Rica	L-13
121	— Flórida Paulista	L-13
122	— Florínia	L-14
123	— Franca	N-13
124	— Franco da Rocha	N-14
125	— Gália	M-14
126	— Garça	M-14
127	— Gastão Vidigal	L-13
128	— General Salgado	L-13
129	— Getulina	M-13
130	— Glicério	L-13
131	— Guaiçara	M-13
132	— Guaimbé	M-13
133	— Guaira	M-13
134	— Guapiçu	M-13
135	— Guapiara	M-15
136	— Guará	N-13
137	— Guaracá	L-13
138	— Guaraci	M-13
139	— Guarantã	M-13
140	— Guararapes	L-13
141	— Guaratingetá	N-14
142	— Guaratinguetá	O-14
143	— Guarú	M-14
144	— Guaribá	M-13
145	— Guarujá	N-14
146	— Guarulhos	N-14
147	— Herculândia	L-14
148	— Iacanga	M-13
149	— Ibaté	M-13
150	— Ibirá	M-13
151	— Ibirarama	L-14
152	— Ibitinga	M-13
153	— Ibiúna	N-14
154	— Içém	M-13
155	— Iepê	L-14
156	— Iguaraçu do Tietê	M-14
157	— Igarapava	N-13
158	— Igaratá	N-14
159	— Iguape	N-15
160	— Ilhabela	O-14
161	— Indaiatuba	N-14
162	— Indiana	L-14
163	— Indaiaporã	L-12
164	— Ipaçu	M-14
165	— Iporanga	M-15
166	— Ipuã	M-13
167	— Iracemápolis	N-14
168	— Irapuã	M-13
169	— Irapuru	L-13
170	— Itaberá	M-14
171	— Itaí	M-14
172	— Itajobi	M-13
173	— Itaju	M-13
174	— Itanhaém	N-15
175	— Itapeperica da Serra	N-14
176	— Itapetinginga	M-14
177	— Itapeva	M-14
178	— Itapira	N-14
179	— Itápolis	M-13
180	— Itaporanga	M-14
181	— Itapuí	M-14
182	— Itaquaquecetuba	N-14
183	— Itararé	M-15
184	— Itariri	N-15
185	— Itatiba	N-14
186	— Itatinga	M-14
187	— Itirapina	N-14
188	— Itirapuã	N-14
189	— Itu	N-14
190	— Ituverava	N-13
191	— Jaborandi	M-13
192	— Jaboticabal	M-13
193	— Jacaré	O-14
194	— Jacupiranga	N-15
195	— Jaguairuna	N-14
196	— Jales	L-13
197	— Jambeiro	O-14
198	— Jardinópolis	N-13
199	— Jarinu	N-14
200	— Jaú	M-14

	N.º	MUNICÍPIOS	LOCAL.		N.º	MUNICÍPIOS	LOCAL.		N.º	MUNICÍPIOS	LOCAL.
201	—	Joanópolis	N-14	272	—	Panorama	L-13	341	—	Rio das Pedras	N-14
202	—	José Bonifácio	M-13	273	—	Paraguacu Paulista	L-14	342	—	Riolândia	M-12
203	—	Júlio Mesquita	M-13	274	—	Piraibuna	O-14	343	—	Rubiacéa	L-13
204	—	Jundiá	N-14	275	—	Paraíso	M-13	344	—	Sabino	M-13
205	—	Junqueirópolis	L-13	276	—	Parapanema	M-14	345	—	Sales Oliveira	N-13
206	—	Juquiá	N-15	277	—	Parapuá	L-13	346	—	Salesópolis	O-14
207	—	Lagoinha	O-14	278	—	Pariquera-Açu	N-15	347	—	Salto	N-14
208	—	Laranjal Paulista	N-14	279	—	Patrocínio Paulista	N-13	348	—	Salto de Pirapora	N-14
209	—	Lavinia	L-13	280	—	Paulicéia	L-13	349	—	Salto Grande	M-14
210	—	Lavrinhas	O-14	281	—	Paulo de Faria	M-13	350	—	Santa Adélia	M-13
211	—	Leme	N-14	282	—	Pederneiras	M-14	351	—	Santa Bárbara d'Oeste	N-14
212	—	Lençóis Paulista	M-14	283	—	Pedregulho	N-13	352	—	Santa Bárbara do Rio Pardo	M-14
213	—	Limeira	N-14	284	—	Pedreira	N-14	353	—	Santa Branca	O-14
214	—	Lins	M-13	285	—	Pedro de Toledo	N-15	354	—	Santa Cruz da Conceição	N-14
215	—	Lorena	O-14	286	—	Penápolis	L-13	355	—	Santa Cruz das Palmeiras	N-13
216	—	Lucélia	L-13	287	—	Pereira Barreto	L-13	356	—	Santa Cruz do Rio Pardo	M-14
217	—	Lucianópolis	M-14	288	—	Pereiras	N-14	357	—	Santa Fé do Sul	L-13
218	—	Lupércio	M-14	289	—	Piacatu	L-13	358	—	Santa Gertrudes	N-14
219	—	Luífcia	L-14	290	—	Piedade	N-14	359	—	Santa Isabel	N-14
220	—	Macatuba	M-14	291	—	Pilar do Sul	N-14	360	—	Santa Mercedes	L-13
221	—	Macaubal	M-13	292	—	Pindamonhangaba	O-14	361	—	Santana de Parnaíba	N-14
222	—	Magda	L-13	293	—	Pindorama	M-13	362	—	Santa Rita do Passa Quatro	N-13
223	—	Mairiporã	N-14	294	—	Pinhal	N-14	363	—	Santa Rosa de Viterbo	N-13
224	—	Manduri	M-14	295	—	Piqueroi	L-13	364	—	Santo Anastácio	L-13
225	—	Marabá Paulista	L-14	296	—	Piquete	O-14	365	—	Santo André	N-14
226	—	Maracá	L-14	297	—	Piracaia	N-14	366	—	Santo Antônio da Alegria	N-13
227	—	Mariápolis	L-13	298	—	Piracicaba	N-14	367	—	Santo Antônio de Posse	N-14
228	—	Marília	M-14	299	—	Pirassununga	N-13	368	—	Santo Antônio do Jardim	N-14
229	—	Martinópolis	L-14	300	—	Piraju	M-14	369	—	Santos	N-14
230	—	Matão	M-13	301	—	Pirajuí	M-13	370	—	São Bento do Sapucaí	O-14
231	—	Mauá	N-14	302	—	Pirangi	M-13	371	—	São Bernardo do Campo	N-14
232	—	Miguelópolis	M-13	303	—	Pirapózinga	L-14	372	—	São Caetano do Sul	N-14
233	—	Mineiros do Tietê	M-14	304	—	Piratininga	M-14	373	—	São Carlos	N-14
234	—	Miracatu	N-15	305	—	Pitangueiras	M-13	374	—	São João da Boa Vista	N-13
235	—	Mirandópolis	L-13	306	—	Planalto	M-13	375	—	São Joaquim da Barra	N-13
236	—	Mirante do Paranapanema	L-14	307	—	Platina	L-14	376	—	São José da Bela Vista	N-13
237	—	Mirassol	M-13	308	—	Poa	L-14	377	—	São José do Barreiro	O-14
238	—	Mococa	N-13	309	—	Poloni	M-13	378	—	São José do Rio Pardo	N-13
239	—	Mogi das Cruzes	N-14	310	—	Pompéia	L-14	379	—	São José do Rio Preto	M-13
240	—	Magi-Guaçu	N-14	311	—	Pongá	M-13	380	—	São José dos Campos	O-14
241	—	Mogi-Mirim	N-14	312	—	Pontal	M-13	381	—	São Luís do Paraitinga	O-14
242	—	Monte Alegre do Sul	N-14	313	—	Porangaba	M-14	382	—	São Manuel	M-14
243	—	Monte Alto	M-13	314	—	Pôrto Feliz	N-14	383	—	São Miguel Arcanjo	M-14
244	—	Monte Aprazível	M-13	315	—	Pôrto Ferreira	N-13	384	—	SÃO PAULO (Capital)	N-14
245	—	Monte Azul Paulista	M-13	316	—	Potirendaba	M-13	385	—	São Pedro	N-14
246	—	Monte Castelo	L-13	317	—	Presidente Alves	M-14	386	—	São Pedro do Turvo	M-14
247	—	Monteiro Lobato	O-14	318	—	Presidente Bernardes	L-14	387	—	São Roque	N-14
248	—	Monte-Mor	N-14	319	—	Presidente Epitácio	L-14	388	—	São Sebastião	O-14
249	—	Morro Agudo	M-13	320	—	Presidente Prudente	L-14	389	—	São Sebastião da Gramma	N-13
250	—	Murutinga do Sul	L-13	321	—	Presidente Venceslau	L-13	390	—	São Simão	N-13
251	—	Natividade da Serra	O-14	322	—	Promissão	M-13	391	—	São Vicente	N-14
252	—	Nazaré Paulista	N-14	323	—	Quatá	L-14	392	—	Sarapuí	N-14
253	—	Neves Paulista	M-13	324	—	Queluz	O-14	393	—	Serra Azul	N-13
254	—	Nhandeara	L-13	325	—	Quintana	L-14	394	—	Serrana	N-13
255	—	Nipoá	M-13	326	—	Rancharia	L-14	395	—	Serra Negra	N-14
256	—	Nova Aliança	M-13	327	—	Redenção da Serra	O-14	396	—	Sertãozinho	N-13
257	—	Nova Europa	M-13	328	—	Regente Feijó	L-14	397	—	Severina	M-13
258	—	Nova Granada	M-13	329	—	Reginópolis	M-13	398	—	Silveiras	O-14
259	—	Novo Horizonte	M-13	330	—	Registro	N-15	399	—	Socorro	N-14
260	—	Nuporanga	N-13	331	—	Ribeira	M-15	400	—	Sorocaba	N-14
261	—	Óleo	M-14	332	—	Ribeirão Bonito	M-14	401	—	Sumaré	N-14
262	—	Olimpia	M-13	333	—	Ribeirão Branco	M-15	402	—	Suzano	N-14
263	—	Oriente	L-14	334	—	Ribeirão Pires	N-14	403	—	Tabapuá	M-13
264	—	Oriândia	N-13	335	—	Ribeirão Preto	N-13	404	—	Tabatinga	M-13
265	—	Oscar Bressane	L-14	336	—	Ribeirão Vermelho do Sul	M-14	405	—	Taciba	L-14
266	—	Oswaldo Cruz	L-13	337	—	Rifaina	N-13	406	—	Taiacá	M-13
267	—	Ourinhos	M-14	338	—	Rincão	M-13	407	—	Taiúva	M-13
268	—	Ouro Verde	L-13	339	—	Rinópolis	L-13	408	—	Tambau	N-13
269	—	Pacaembu	L-13	340	—	Rio Claro	N-14	409	—	Tanabi	M-13
270	—	Palestina	M-13					410	—	Tapiratiba	N-13
271	—	Palmital	L-14					411	—	Taquaritinga	M-13
								412	—	Taquarituba	M-14
								413	—	Tatuf	N-14
								414	—	Taubaté	O-14
								415	—	Terra Roxa	M-13
								416	—	Tietê	N-14
								417	—	Timburi	M-14
								418	—	Torrinha	M-14
								419	—	Tremembé	O-14
								420	—	Tupã	L-13
								421	—	Tupi Paulista	L-13
								422	—	Ubatuba	O-14
								423	—	Ubirajara	M-14
								424	—	Uchoa	M-13
								425	—	Uru	M-13
								426	—	Urupês	M-13
								427	—	Valentim Gentil	L-13
								428	—	Valinhos	N-14
								429	—	Valparaíso	L-13
								430	—	Vargem Grande do Sul	N-13
								431	—	Vera Cruz	M-14
								432	—	Vinhedo	N-14
								433	—	Viradouro	M-13
								434	—	Votuporanga	M-13
								435	—	Xavantes	M-14

elemento essencial na estruturação do processo de industrialização. Das três zonas acima mencionadas a que se situa no estado de São Paulo é a mais importante; aí se encontra a maior quantidade de centros têxteis, em número e tamanho e a maior variedade de mercadorias fabricadas.

A área metropolitana de São Paulo é a maior concentração de mão-de-obra têxtil do país. Implantada desde o século passado, a indústria de fiação e tecelagem do algodão também foi campo de aplicação de capitais europeus. A atividade têxtil nesta área foi renovada e ampliada, estabelecimentos foram sendo instalados nos subúrbios em crescimento da grande metrópole, tendo havido influência da importante indústria de vestuário que se desenvolveu na área da capital. No entanto nem a cidade de São Paulo, nem os centros da área metropolitana apresentam médias elevadas de operários por estabelecimento, devido à quantidade de pequenos estabelecimentos têxteis. Excetua-se Barueri onde há apenas um grande estabelecimento de fiação e tecelagem de algodão. O conjunto metropolitano apresenta produção em todos os grupos da indústria têxtil, surgindo como importante área da fiação e tecelagem da lã e da sêda, produzindo além dos artigos de algodão, os de fios artificiais e linho, malhas e elásticos.

Outros centros da zona paulista também representam a fase inicial da instalação industrial no país, como Sorocaba, Itu, Jundiaí e outros, quando corredeiras ou cachoeiras dos cursos d'água eram importante fator de atração para a localização têxtil. Alguns se desenvolveram em grandes centros de domínio da tecelagem como Sorocaba ou Americana; outros evoluíram pouco, como Salto, Itu, Pôrto Feliz. Contudo, o denominador comum ao trecho do território paulista no qual a atividade industrial mais se expandiu, é a presença da tecelagem em praticamente todos os centros industriais, sendo um setor importante nos mais complexos como em Campinas e Jundiaí. A variedade de produtos fabricados é marcante nos trechos mais próximos da metrópole bandeirante. Verifica-se acentuada tendência à especialização em setores de técnica mais avançada; assim, em centros novos, como Indaia-tuba e Vinhedo, não mais se encontra a manufatura algodoeira, mas importantes indústrias de fiação e tecelagem de sêda e de fios artificiais. São êstes, igualmente, os grupos mais importantes na área de Campinas e Piracicaba: salienta-se mesmo o centro especializado de Americana. Já nas áreas mais afastadas de São Paulo, passa-se ao domínio da indústria do algodão como em Jaú, São Manuel, Ribeirão Prêto, Batatais, etc. a oeste, ou, como em Taubaté, no vale do Paraíba. (Foto 11)

No Rio de Janeiro, segundo centro têxtil do país, êste gênero também possui longa tradição e se constitui em importante setor da atividade de transformação sediada na cidade. A área metropolitana da Guanabara igualmente se caracteriza pela variedade de produção.

Na região que a partir da Guanabara abrange os centros localizados nas serras fluminenses, na zona da mata e nos campos da Mantiqueira, em território mineiro, a atividade têxtil não se equipara em importância